

Diz-me o que vês, dir-te-ei como te relacionas: Teste de Rorschach e Teoria da Vinculação

Joana Cabral Almeida

M

2022



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

***“DIZ-ME O QUE VÊS, DIR-TE-EI COMO TE RELACIONAS”*: TESTE DE
RORSCHACH E TEORIA DA VINCULAÇÃO**

Joana Cabral Almeida

junho, 2022

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor ***António Abel Pires*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

“I look at you and see how tight you hug the old woman. I see the comfortable little smile on your lips, and I know you feel a warmth you cannot find at home. A warmth you needed when you were younger. You pull back from the hug, caress the woman’s arm and say goodbye with a wider smile now.”

Agradecimentos

Às/aos *participantes* que entusiasticamente aceitaram colaborar nesta investigação, que entusiasticamente se entregaram por completo à mesma confiando em mim e no meu trabalho, e que entusiasticamente me desejaram sorte e felicidade após cada entrevista, cada Rorschach e cada questionário: obrigada. Dizer “*Sem vocês não teria sido possível*” é clichê, em especial nestas secções de Agradecimentos, mas, adivinhem só, é mesmo verdade.

Ao professor *Abel Pires*, que todas as semanas, desde a elaboração do embrionário Seminário de Projeto, até aos ajustes finais da Dissertação de Mestrado, se mostrou incansavelmente disponível; pelo acompanhamento próximo, pelas sugestões de quem tem um olhar atento e preocupado, e pela maestria com que domina a temática do Teste de Rorschach, que indubitavelmente aguçou o meu interesse e fascínio pelo tema: obrigado.

À *Francisca*, pelas palavras absolutamente certas, palavras que não podiam ser outras, palavras que não podiam vir de outra pessoa. Há uns anos, uma de nós dizia “*acho mesmo que temos o mesmo cérebro*”, como forma de dizer que pensávamos de forma semelhante em relação a tudo. Hoje em dia, não acho apenas, mas sei que a sensação é assim, quando de uma irmã se trata. À *Inês*, pelo entusiasmo pelas minhas histórias como se dela mesma se tratasse, pela segurança em cada conversa, pela ajuda que vai para além da Estatística, pelas bolachinhas de aveia, e por não dizer que não a *clips* de voz de 12 minutos. À *Rita*, pelo conforto, pela poesia, pelos desejos partilhados de querer passear e rir ao sol perto do Douro, pelo fogo que carrega na sua experiência do mundo, das pessoas, do coração. Às três, obrigada pela sororidade, pelas longas partilhas, pelo *safe space* e por me permitirem ser.

Ao *Diogo* e ao *João*, que me ajudaram a explorar o sabor agridoce da amizade à distância, que nunca disseram que não a uma chamada “*só pela companhia*”, que não queriam acreditar quando lhes dizia que já tinham passado 8 horas de chamada, que ouvem sempre a minha tagarelice durante esse tempo, seja sobre a tese, seja sobre política, seja sobre a vida. Se este trabalho fosse a construção de uma casa, os materiais que compõem os alicerces teriam o vosso nome. Talvez sejam mágicos, porque transformaram 1320 quilómetros de distância em tudo menos um problema. *Diogo*, obrigada pela antiga amizade e amor incondicional. *João*, obrigada por seres alguém que materializou, na minha vida, a ideia por detrás do conceito de “*improbabilidades bonitas*”.

Ao *Bruno* e ao *Rafael*, pela presença incansável nos finais de dias cansativos, pela brincadeira e conversa, pela leveza, pela descomplicação, interação fácil, e palavras de motivação. Foram essenciais no processo de ressignificação da trivialidade dos dias, e há lá coisa mais importante que estar-se em paz com a vida que também acontece longe das luzes e fora do palco.

À *Ana Paula* e à *Cecília*, as maiores caixinhas de surpresa dos últimos meses, colegas de estágio que passaram a amigas, acasos bonitos, lembranças vivas da beleza da novidade e da lufada revitalizante de ar fresco que o novo traz. Obrigada pelo espaço que se foi estabelecendo de abertura fácil e aconchego.

À minha *família*, que me soube dar o espaço, a autonomia, a confiança e a liberdade para fazer o que escolhi. Em particular, ao meu avô, que queria ver a “*Dra. Joana*”, mas a finitude da vida não permitiu.

Resumo

A Teoria da Vinculação (TV) traduz-se na “*propensão de os seres humanos estabelecerem fortes laços afetivos com outros*”. O sistema de vinculação está ativo “*do berço ao túmulo*”, e associa-se a comportamentos e pensamentos relacionados com a busca de proximidade em situações de necessidade, dirigidos a outros/as percebidos como fonte de suporte, conforto e segurança – as figuras de vinculação. A natureza dos modelos internos dinâmicos de representação de si e dos outros é amplamente influenciada pela qualidade das primeiras experiências entre a criança e o/a cuidador/a. A diversidade destas vivências dá origem aos denominados estilos de vinculação (o seguro, o preocupado, o desinvestido e o amedrontado). Assim, estes estilos revelam-se como uma importante moldura para a compreensão dos padrões de personalidade que se desenvolvem a partir da interação criança-cuidador/a, e que se refletirão por sua vez nos relacionamentos da pessoa cuidada na sua vida adulta. Parece haver componentes da vinculação que podem ser medidos através do Teste de Rorschach (TR), um teste projetivo de avaliação da personalidade. As variáveis deste teste que parecem estar mais significativamente associadas a construtos da TV, são a textura, o conteúdo humano e respostas de dependência oral. O principal objetivo deste estudo é compreender de que forma se dá a associação entre estas variáveis e o estilo de vinculação, avaliado através da Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e uma entrevista semiestruturada. A amostra é composta por 15 participantes, com uma idade média de 23 anos ($M=23.53$; $DP=2.88$). Os resultados gerados pela análise cruzada dos 3 instrumentos, parecem apontar para uma relação entre a ausência de respostas textura e o estilo de vinculação ou amedrontado ou desinvestido; relativamente às respostas de conteúdo humano, uma menor amplitude e frequência do número destas respostas, menos respostas consideradas positivas e mais respostas consideradas negativas, e menos respostas *H* puro e *Good Human Responses* (GHRs) para o grupo com estilos de vinculação inseguros, relativamente ao grupo com vinculação segura; e, finalmente, no que concerne às respostas com conteúdo oral, uma baixa frequência destas no grupo com estilo de vinculação desinvestido comparativamente aos outros estilos de vinculação inseguros. Concluindo, sublinha-se a importância da condução de investigação futura utilizando o TR sobre o tópico da vinculação, especialmente com participantes que revelem estilos de vinculação inseridos no espetro da insegurança.

Palavras-chave: Teste de Rorschach; Desenvolvimento da Personalidade; Teoria da Vinculação; Estilos de Vinculação; Textura; Conteúdo Humano; Conteúdo Oral

Abstract

The Attachment Theory (AT) means the “*propensity of human beings to establish strong affective bonds with others*”. The attachment system is active “*from the cradle to the grave*” and is associated with behaviours and thoughts related to the search for closeness in situations of need, aimed at others perceived as a source of support, comfort and security – the attachment figures. The nature of dynamic internal models of representation of the self and others is largely influenced by the quality of the first experiences between the child and the caregiver. The diversity of these experiences gives rise to the so-called attachment styles (secure, preoccupied, dismissing and fearful). Thus, these styles reveal themselves as an important framework for understanding the personality patterns that develop from the child-caregiver interaction, and which will, in turn, be reflected in the relationships of the person cared for in their adult life. There appear to be components of attachment that can be measured using the Rorschach Test (RT), a projective personality assessment test. The variables of this test that seem to be most significantly associated with AT constructs are texture, human content, and oral dependence responses. The main objective of this study is to understand how these variables are associated with attachment style, assessed using the Adult Attachment Scale and a semi-structured interview. The sample is composed of 15 participants, with a mean age of 23 years ($M=23.53$; $SD=2.88$). The results generated by the cross-analysis of the 3 instruments seem to point to a relationship between the absence of texture responses and the attachment style, either fearful or dismissing; regarding responses with human content, a lower amplitude and frequency of the number of these responses, fewer responses considered positive and more responses considered negative; fewer pure Human (H) responses and Good Human Responses (GHRs) for the group with insecure attachment styles, when compared to the group with secure attachment; and, finally, regarding responses with oral content, a low frequency of these in the group with dismissing attachment style compared to other insecure attachment styles. In conclusion, the importance of conducting future research using the Rorschach Test on the topic of attachment is underlined, especially with participants who reveal attachment styles within the spectrum of insecurity.

Keywords: Rorschach Test; Personality Development; Attachment Theory; Attachment Styles; Texture; Human Content; Oral Content

Résumé

La Théorie de l'Attachement (TA) se traduit par la « propension des êtres humains pour établir de forts liens affectifs avec les autres ». Le système d'attachement est actif « du berceau au tombeau » et est associé à des comportements et des pensées liés à la recherche de proximité dans des situations de besoin, dirigés vers d'autres perçus comme une source de soutien, de confort et de sécurité – les figures d'attachement. La nature des modèles internes dynamiques de représentation de soi et des autres est largement influencé par la qualité des premières expériences entre l'enfant et le soignant. La diversité de ces expériences donne naissance aux styles d'attachement-appelés (sûr, soucieux, désengagé, effrayé). Ainsi, ces styles se révèlent comme un cadre important pour comprendre les schémas de personnalité qui se développent à partir de l'interaction enfant-soignant, et qui reflétera à son tour les relations de la personne soignée dans sa vie adulte. Il semble y avoir des composants d'attachement qui peuvent être évalués par le test de Rorschach (TR), un test projectif d'évaluation de la personnalité. Les variables de ce test qui semblent être plus significativement associées aux constructs d'attachement sont les réponses texture, le contenu humain et les réponses de dépendance orale. L'objectif principal de cette étude est de comprendre comment l'association entre ces variables et le style d'attachement, évalués par l'Échelle d'Attachement Adulte (EVA) et une entrevue semi-structurée. L'échantillon se compose de 15 participants, avec un âge moyen de 23 ans ($M=23,53$; $DP=2,88$). Les résultats obtenus par l'analyse croisée des 3 instruments semblent indiquer une relation entre l'absence de réponses de texture et le style d'attachement effrayé ou désengagé; En ce qui concerne les réponses du contenu humain, une amplitude et une fréquence inférieures du nombre de ces réponses, avec moins de réponses positives et un plus grand nombre de réponses négatives, et avec moins de réponses H pures et GHR pour le groupe avec des styles d'attachement non sécurisés, concernant le groupe avec un attachement sûr; Et enfin, en ce qui concerne les réponses avec du contenu oral, une basse fréquence de celles-ci dans le groupe avec un style non sûr par rapport au style d'attachement sûr. En conclusion, on souligne l'importance de mener une recherche dans le futur en utilisant le Test de Rorschach sur le sujet de l'attachement, en particulier avec les participants qui révèlent des styles d'attachement insérés dans le spectre de l'insécurité.

Mots-clés: Test de Rorschach; Développement de la personnalité; Théorie de l'Attachement; Styles d'attachement; Texture; Contenu humain; Contenu oral

Índice

I.	ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCETUAL	1
1.	TEORIA DA VINCULAÇÃO	1
1.1	Modelos Internos Dinâmicos de Representação de Si e dos Outros	3
1.2	Estilos de Vinculação	4
1.3	Vinculação no/a Adulto/a	7
2.	DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E VINCULAÇÃO	9
2.1	Teste de Rorschach e Vinculação	11
II.	ESTUDO EMPÍRICO	16
1.	Pertinência, Objetivo do Estudo e Hipóteses de Investigação	16
2.	Participantes	19
3.	Instrumentos	19
4.	Procedimento de recolha de dados	21
5.	Procedimento de análise dos dados	22
III.	RESULTADOS	22
1.	Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e Entrevistas... ..	22
2.	Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e Teste de Rorschach	27
IV.	DISCUSSÃO DE RESULTADOS	30
V.	CONCLUSÕES FINAIS	36
VI.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
VII.	ANEXOS	46

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1: <i>Modelo de Vinculação no Adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991)</i>	5
Tabela 1: <i>Estilos de Vinculação e principais características associadas informação das entrevistas</i>	50
Tabela 2: <i>Estatísticas descritivas das respostas Textura de participantes com estilo de vinculação seguro</i>	51
Tabela 3: <i>Estatísticas descritivas das respostas Textura de participantes com estilo de vinculação preocupado</i>	51
Tabela 4: <i>Estatísticas descritivas das respostas Textura de participantes com estilo de vinculação amedrontado ou desinvestido</i>	52
Tabela 5: <i>Estatísticas descritivas das respostas Sum H de participantes com estilo de vinculação seguro</i>	52
Tabela 6: <i>Estatísticas descritivas das respostas Sum H de participantes com estilos de vinculação inseguros</i>	52

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCETUAL

1. Teoria da Vinculação

A Teoria da Vinculação conceptualiza “*a propensão de os seres humanos estabelecerem fortes laços afetivos com outros*” (Bowlby, 1977). De acordo com este autor, as crianças nascem com um repertório de comportamentos – *comportamentos de vinculação* – designados pela evolução para assegurar a proximidade a outros/as que sejam vistos como fonte de suporte – *figuras de vinculação* – e que providenciem proteção de ameaças físicas e psicológicas, promovam a segurança e exploração saudável do ambiente, e ajudem a criança a aprender a regular as emoções eficazmente. Os comportamentos de proximidade da criança são organizados por um sistema comportamental adaptativo – *sistema comportamental de vinculação*. Este sistema governa a escolha, ativação e término dos comportamentos de procura de proximidade com o objetivo de obtenção de proteção e apoio pelas figuras de vinculação em momentos de necessidade (Bowlby, 1969/1982).

Apesar de o sistema de vinculação ser muitas vezes associado a crianças, ele está ativo ao longo do ciclo de vida e está relacionado com pensamentos e comportamentos associados à procura de proximidade em situações de necessidade (Bowlby, 1988). Na perspetiva da Teoria da Vinculação, um/a outro/a significativo/a específico/a é uma figura de vinculação apenas na medida em que a pessoa com quem se estabelece essa relação desempenha três funções (Ainsworth, 1991; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1994):

1. A figura de vinculação deve ser vista como um alvo da procura de proximidade em momentos de stress ou necessidade, e a separação indesejada dessa pessoa deve provocar angústia, protesto e esforços no sentido de voltar a reunir-se com ela;
2. A pessoa deve ser vista como um porto seguro real ou potencial pois fornece conforto, apoio, proteção e segurança em momentos de necessidade;
3. A pessoa deve ser vista como uma base segura, permitindo que a criança ou o/a adulto/a procure, num ambiente considerado seguro, atingir objetivos, ter comportamentos de exploração e correr riscos que não estejam associados à relação de vinculação. Ou seja, interações que envolvam vinculação são organizadas à volta

da expectativa de receber proteção, conforto, encorajamento e apoio em momentos de necessidade, e esta proteção ou apoio é valorizada pois permite que a pessoa restaure o equilíbrio emocional e volte para o seu contexto social e físico mais abrangente com um tipo de comportamento eficaz (Obegi & Berant, 2009).

A denominada *ativação do sistema de vinculação* refere-se a quando, por exemplo, uma criança deixa de fazer o que está a fazer para procurar conforto e apoio numa figura de vinculação em uma situação em que se ouve um som estranho ou um/a desconhecido/a entra no espaço onde a criança se encontra (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Então, a procura por apoio, proteção e segurança não é apenas um objetivo em si mesmo, mas também uma importante base para o alcance de muitos outros objetivos não relacionados com a relação de vinculação (Obegi & Berant, 2009).

Em termos comportamentais, durante a infância, as estratégias de vinculação primárias incluem expressões não-verbais de carência, como o choro e súplica e movimentos (rastejar, andar, estender os braços) com o objetivo de restabelecer e manter a proximidade do/a cuidador/a (Ainsworth et al., 1978). Na idade adulta, estes tipos de comportamentos envolvem outros métodos que procuram o estabelecimento de contacto, como por exemplo, falar, telefonar ou mandar uma mensagem a alguém, bem como a ativação de representações mentais reconfortantes sobre as figuras de vinculação ou até autorrepresentações associadas a essas figuras (Mikulincer & Shaver, 2004). Estas representações cognitivo-afetivas podem fornecer uma maior sensação de segurança e permitir que a pessoa continue a procurar atingir os seus objetivos sem ter de interromper essa busca para iniciar uma procura real de proximidade e proteção (Mikulincer & Shaver, 2004).

Concluindo, a Teoria da Vinculação descreve de que formas os seres humanos desenvolvem e mantêm relações próximas e laços emocionais com outros/as significativos/as – figuras de vinculação – que são as responsáveis pela correspondência às necessidades de conforto e segurança (Bowlby, 1969/ 1982, 1988). Para além disto, a Teoria da Vinculação postula que, baseando-se na relação que desde cedo a criança estabelece com quem cuida dela, esta desenvolve representações de si e dos outros que moldam a sua capacidade de conexão interpessoal, estilo de relacionamento e expectativas de como se os outros se sentirão sobre ela (Bowlby, 1969, 1973; Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Essas representações servem como um mecanismo para lidar com o *stress* no mundo, seja por meio da emoção, cognição ou comportamento (Easterbrooks, Davidson & Chazan, 1993). Assim,

faz sentido a reflexão sobre estas representações de si e dos outros, algo que será feito no ponto 1.1 a seguir.

1.1 Modelos Internos Dinâmicos de Representação de Si e dos Outros

A Teoria da Vinculação providencia um modelo conceitual para a compreensão de como os comportamentos precoces das crianças em relação ao adulto cuidador se adaptam às expectativas deste (Zizi, Spies & Vosloo, 2019). A partir destas experiências relacionais, a criança desenvolve um modelo de representação interno que se torna num protótipo para futuras relações fora do contexto familiar (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Em 1973, Bowlby postulou que o conceito de Modelos Internos Dinâmicos é uma parte central da Teoria da Vinculação. Estes modelos consistem, assim, nas expectativas de alguém sobre a) a acessibilidade e a capacidade de resposta do/a cuidador/a (*working model of other*) e b) a própria capacidade de suscitar respostas do/a cuidador/a que vão ao encontro das necessidades sentidas (*working model of self*). Se por um lado os Modelos de Trabalho do *Self* são representações da forma como alguém experiencia a autoestima e acredita que merece um tratamento positivo e justo, por outro lado, os Modelos de Trabalho do Outro são representações do grau em que os outros são vistos como confiáveis e disponíveis ou rejeitantes e não confiáveis (Bartholomew, 1990).

As primeiras experiências com o/a cuidador/a e os Modelos Internos associados não determinam exclusivamente os sentimentos e atitudes específicos de vinculação de alguém (Bowlby, 1973). No entanto, a confirmação desses Modelos vem da exposição a experiências de vinculação semelhantes durante o desenvolvimento, o que contribuiu para a sua persistência ao longo do tempo (Sherry, Lyddon & Henson, 2007). Para além disso, acredita-se que mecanismos assimilativos influenciem a continuidade da vinculação – do ponto de vista construtivista, estes mecanismos são estratégias cognitivas inflexíveis que antecipam e “*encaixam*” novas experiências em construções cognitivas já existentes (Lyddon, 1993; Lyddon & Sherry, 2001).

Deste modo, é possível afirmar que, geralmente, Modelos Internos Dinâmicos de indivíduos que apresentem uma vinculação segura refletem um equilíbrio entre processos de assimilação e de acomodação, enquanto indivíduos que apresentem uma vinculação insegura tendem a apresentar Modelos Internos Dinâmicos dominados por processos de assimilação.

Portanto, estes indivíduos tendem a ser menos abertos a informação nova pois tendem a atender seletivamente a informações que confirmam crenças existentes e tendem a ignorar informações que desconfirmam as crenças previamente existentes (Sherry et al., 2007).

Então, estes modelos tornam-se uma parte vital da regulação emocional do/a adulto/a no que diz respeito às suas relações íntimas e formam parte do que é conhecido como “*estilo de vinculação*” (Fraley & Shaver, 2000). É sobre os diferentes estilos de vinculação que o próximo ponto se debruçará.

1.2 Estilos de Vinculação

Para além do trabalho de Bowlby sobre a Teoria da Vinculação já descrito anteriormente, é importante rever outros nomes associados à Vinculação e o trabalho desenvolvido neste âmbito numa perspetiva integradora e de revisão de literatura. Em primeiro lugar, importa definir estilo de vinculação. Segundo Fraley e Shaver (2000), o estilo de vinculação de uma pessoa pode ser definido como um “*padrão sistemático de expectativas relacionais, emoções e comportamentos que resultam da internalização de um historial particular de experiências de vinculação*”.

Ainsworth et al. (1978) encontrou três estilos distintos ou padrões de relações de vinculação entre as crianças e os/as seus/suas cuidadores/as, denominando-os como seguro – as crianças sofrem com a separação, procuram conforto na reunião e exploram o ambiente envolvente livremente na presença do/a seu/sua cuidador/a, – evitante – as crianças exibem pouco *stress* evidente na separação da figura de vinculação e não procuram contacto no momento de reunião, – e, por fim, ansioso-ambivalente – as crianças apresentam *stress* na separação da figura de vinculação, são difíceis de tranquilizar ou confortar e estão tão preocupadas com a disponibilidade dos/as seus/suas cuidadores/as que reduzem ou impedem a exploração (Cassella & Viglione, 2009).

Em 1987, Hazan e Shaver sugeriram que os três estilos de vinculação acima descritos podem também caracterizar adultos. Neste sentido, acreditavam que, na idade adulta, dimensões como a proximidade, intimidade, apoio e confiança caracterizam os relacionamentos românticos de pessoas com estilo de vinculação seguro. Por outro lado, medo de intimidade e dificuldade em depender dos outros seriam, para os autores, características das relações das pessoas com estilo de vinculação evitante. Já no que diz

respeito às relações das pessoas com estilo de vinculação ansioso-ambivalente, os autores sugeriram que estas seriam marcadas por instabilidade emocional, preocupação em ser abandonado/a e ciúmes.

Alguns anos mais tarde, Kim Bartholomew e Leonard Horowitz (1991) propuseram um Modelo Bidimensional da Vinculação. O trabalho destes autores é uma extensão da pesquisa anteriormente efetuada que resultou na introdução de um Modelo de Vinculação do Adulto composto por quatro categorias e baseado nas concetualizações positivas ou negativas do *self* – o *self* é visto como digno de amor e apoio ou não – e dos outros – outras pessoas são vistas como confiáveis e disponíveis ou como sendo pouco confiáveis e indisponíveis. Então, para este modelo, uma pessoa possui representações ou positivas ou negativas de si mesma, enquanto possui também representações ou positivas ou negativas dos outros (Cassella & Viglione, 2009), dando origem a quatro combinações distintas (ver figura 1, Bartholomew & Horowitz, 1991).

Figura 1

Modelo da Vinculação no Adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991).

		Modelo do Self (Dependência)	
		Positivo (Baixa)	Negativo (Alta)
Modelo do Outro (Evitamento)	Positivo (Baixo)	Célula I SEGURO Confortável com intimidade e autonomia	Célula II PREOCUPADO Preocupado com relações
	Negativo (Alto)	Célula IV DESINVESTIDO Dispensa a intimidade. Contradependente	Célula III AMEDRONTADO Medo de intimidade. Socialmente evitante

Fonte: Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244.

Assim, se a relação com as figuras de vinculação for geralmente positiva e consistente e se as pessoas receberam conforto em momentos de stress, então o modelo de representação interna de si e dos outros será positivo. Isto é, a pessoa sente-se digna e acredita que, a precisar de ajuda, a ajuda que espera será providenciada (Shaver & Mikulincer, 2009). As pessoas com este tipo de representações internas terão tendência para desenvolver um estilo de vinculação seguro e apresentarem um processo de pensamento

coerente e flexível. Para além disso, compreendem a realidade com precisão e não tendem a projetar as suas próprias necessidades e conflitos no que as rodeia (Zizi et. al, 2019). Isto corresponde à Célula I da imagem acima apresentada, no sentido em que o modelo de Bartholomew e Horowitz (1991) partilha o termo estilo de vinculação seguro com modelos anteriores – a pessoa possui um senso de dignidade e uma expectativa de que as outras pessoas geralmente são responsivas e aceitantes (Bartholomew & Horowitz, 1991) e, então, faz atribuições positivas a si mesma e aos outros (Cassella & Viglione, 2009).

Por outro lado, se a figura de vinculação é desatenta, negligente ou punitiva, então é mais provável que se desenvolvam modelos inseguros de representação interna de si e dos outros (Zizi et al., 2019). Bartholomew (1990) utiliza o termo preocupado para corresponder ao estilo ansioso-ambivalente descrito por Hazan e Shaver (1987). O estilo preocupado associa-se a uma visão negativa do *self* e a uma visão positiva dos outros (Cassella & Viglione, 2009), correspondendo então à Célula II da figura 1. Esta célula é marcada por uma sensação de indignidade (a pessoa não se sente como passível de ser amado/a) combinada com uma avaliação positiva dos outros. Esta combinação leva a que a pessoa lute pela autoaceitação através da procura da conquista de aceitação por parte de outras pessoas que ela valoriza, tendendo, portanto, a ser externamente orientada nas suas autodefinições (Sherry et al., 2007), correspondendo ao grupo ambivalente de Hazan e Shaver (1987).

Os outros dois estilos de vinculação derivam do estilo evitante proposto por Hazan e Shaver (1987) e distinguem-se por um modelo interno negativo ou positivo do *self*, juntamente com uma visão negativa dos outros. O estilo de vinculação amedrontado-evitante reflete um modelo negativo de si – autoconceito ou autoimagem negativa – e uma visão fria e vitimizada dos outros (Cassella & Viglione, 2009), e corresponde, portanto, à Célula III da figura 1. Esta célula associa-se a um sentimento de indignidade (pessoa não se sente como passível de ser amado/a) combinado com uma expectativa negativa em relação aos outros (estes como sendo não confiáveis e indisponíveis). Portanto, estes indivíduos tendem a não confiar nem nas suas próprias cognições nem nas intenções das outras pessoas (Sherry et al., 2007). Ao evitar um envolvimento próximo com outros, este estilo permite que as pessoas se protejam contra a rejeição que antecipam vir a sentir por parte dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). Este estilo associa-se ao estilo evitante descrito por Hazan e Shaver (1987).

Por fim, o estilo de vinculação desinvestido-evitante também incorpora um evitamento da proximidade com os outros, porém combinado com um modelo positivo de si juntamente com um processo defensivo de rejeitar o valor de relacionamentos íntimos, enfatizando a importância da independência (Cassella & Viglione, 2009). Assim, este estilo corresponde à Célula IV e indica uma sensação de dignidade e de possibilidade de ser amado/a, combinado com uma disposição negativa em relação aos outros. Pessoas com este estilo de vinculação protegem-se contra decepções através do evitamento do estabelecimento de relações próximas e manutenção de um senso de independência e invulnerabilidade (Bartholomew & Horowitz, 1991).

As dimensões descritas na Figura 1 podem também ser conceitualizadas em termos de dependência no eixo horizontal e evitamento da intimidade no eixo vertical. A dependência pode variar de baixa (boa autoestima que não requer validação externa) a alta (boa autoestima que só consegue ser mantida através da aceitação permanente dos outros). O evitamento da intimidade reflete o grau em que as pessoas evitam contato próximo com outros como resultado das suas expectativas de consequências aversivas (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Bartholomew e Horowitz (1991) explicam ainda que os estilos desinvestido e amedrontado são semelhantes na medida em que os dois refletem um evitamento da intimidade; eles diferem, no entanto, na necessidade da pessoa em procurar aceitação dos outros para a manutenção de uma boa autoestima. Da mesma forma, os estilos preocupado e amedrontado são semelhantes no sentido em que ambos exibem uma forte dependência dos outros para manter uma boa autoestima, porém diferem na sua prontidão para se envolver em relações íntimas. Enquanto a Célula II (Preocupado) implica uma procura dos outros na tentativa de satisfação das necessidades de dependência, a Célula III (Amedrontado) implica evitar a proximidade para minimizar um eventual desapontamento. Portanto, na figura 1, as Células adjacentes são mais semelhantes em termos conceituais do que as Células situadas em quadrantes opostos (Bartholomew & Horowitz, 1991).

1.3 Vinculação no/a Adulto/a

Ainda que Bowlby estivesse primariamente interessado na compreensão da relação entre bebê-cuidador/a, o autor acreditava que a vinculação caracteriza a experiência humana “*do berço ao túmulo*” (Bowlby, 1988). Através desta conhecida expressão de Bowlby,

percebemos que ainda que os primeiros anos de vida sejam cruciais no que diz respeito à vinculação e à sua qualidade, as relações estabelecidas na vida adulta serão também elas fortemente marcadas pelas relações estabelecidas na infância com os/as principais cuidadores/as. Isto significa que, traçando um paralelo entre os dois momentos, indivíduos que crescem em ambientes menos conflituosos e mais cooperativos aprenderam que geralmente o esforço e dedicação resultam no alcance de marcos importantes, que a adoção de uma visão do mundo estável e orientada para a comunidade tendencialmente traz melhores resultados e que, portanto, geralmente podem confiar e dar-se bem com as outras pessoas (Young, Simpson, Griskevicius, Huelsnitz & Fleck, 2017). Por outro lado, crianças que cresceram em ambientes interpessoalmente conflituosos e competitivos, aprenderam que não podem necessariamente dar-se bem e confiar nos outros, que aproveitar oportunidades e cuidar de si mesmas é a maneira mais eficaz de atingir objetivos e que a adoção de uma visão do mundo mais oportunista e auto-orientada será a chave para a obtenção de melhores resultados (Young et al., 2017).

Ainda que a presente dissertação não vá no sentido específico da exploração da vinculação de pessoas adultas nas suas relações românticas, é neste campo que o estudo da vinculação no adulto se tem debruçado mais e, portanto, faz sentido refletir sobre algumas questões. Em 1988, Shaver, Hazan e Bradshaw (cit. por Fraley & Shaver, 2000), identificaram algumas características comuns tanto em relações românticas entre pessoas adultas, como em crianças em relação com os/as cuidadores/as:

- Tanto as crianças, como as pessoas adultas, sentem-se mais seguras quando a sua figura de vinculação está próxima e responsiva e, portanto, inseguras quando esta não está presente ou inacessível;
- Ambos/as envolvem-se em contato físico próximo e íntimo;
- Em ambos os casos, parece haver uma partilha de descobertas sobre o mundo;
- Há contato visual, toques no rosto (suaves ou por brincadeira), aconchegam-se, abraçam-se e parece haver um sentimento de fascínio e preocupação mútuo;
- Parece haver a tendência para um tipo especial de comunicação, “*motherese*” na relação cuidador/a-bebé, ou “*baby talk*” nos relacionamentos românticos.

Foi com base nestas semelhanças que Hazan e Shaver (1987) suportaram a ideia de que muitos relacionamentos românticos na idade adulta, tal como relacionamentos bebé-

cuidador/a, são vinculações que se estabelecem. Neste sentido, os autores viam o amor romântico como uma propriedade do sistema comportamental da vinculação, sendo que deste sistema também fariam parte sistemas motivacionais distintos que dão origem à vontade de cuidar do outro e ao desejo sexual.

Assim, a Teoria da Vinculação parece explicar a forma como a interação com cuidadores, influenciam o desenvolvimento da pessoa cuidada (estilos de vinculação), e como os padrões de personalidade daí resultantes influenciam posteriormente as escolhas e o comportamento da pessoa em situações sociais, especialmente no que diz respeito a relacionamentos próximos (Fraley & Shaver, 2008).

2. Desenvolvimento da Personalidade e Vinculação

No que diz respeito à definição de personalidade, a literatura parece demonstrar alguma falta de consenso entre os diversos autores. Por exemplo, Gordon Allport (1937) (cit. por Corr & Matthews, 2020), definiu personalidade como *“a organização dinâmica, no seio de um indivíduo, de sistemas psicofísicos que determinam o seu comportamento característico e os seus pensamentos”*. Mais tarde, McAdams e Pals (2006) (cit. por Carvalho, Pianowski, Silva & Silva, 2017), definiram personalidade como *“a variação única do indivíduo nos moldes evolutivos gerais para a natureza humana, expresso como um padrão de desenvolvimento de traços disposicionais, adaptações características e narrativas de vida autodefinidoras complexas e diferencialmente situadas no contexto cultural e social”*.

Ainda que as definições partam de diferentes abordagens, e, portanto, sejam diversas, uma ideia que parece ser amplamente aceite é a de que a personalidade de um indivíduo advém de componentes biológicos e inatos que, durante o desenvolvimento, são influenciados por diversos fatores, como por exemplo a relação com a família e a cultura, resultando em padrões de comportamentos, cognições e emoções característicos dessa pessoa, dando, portanto, origem à sua personalidade (Corr & Matthews, 2020).

Os fatores que influenciam o desenvolvimento da personalidade têm sido alvo de estudo desde há décadas. Uma das ideias centrais que o estudo nesta área tem vindo a demonstrar, tem a ver com a noção de que, apesar de existir alguma evidência da hereditariedade de alguns traços de personalidade (Sherry et al., 2007), há ainda muita variabilidade no processo de desenvolvimento da personalidade que provavelmente é explicada por fatores psicossociais e ambientais (Vaillant, 1987). Num artigo de 2007,

Sherry et al., referem que a relação entre aspetos da personalidade da figura de vinculação e o desenvolvimento e a personalidade da criança parece ser clara (Bowlby, 1969, 1973, 1980) e que, nesse sentido, os laços afetivos duradouros que surgem entre a figura de vinculação e a criança assumem um papel preponderante na moldagem da personalidade desta e, portanto, na sua vida em geral (Lopez, 1995).

Bowlby (1988) defendia que, apesar de o “*sistema de controlo*”, durante a infância, ser propriedade da relação cuidador/a-criança, ao longo do desenvolvimento, uma maior capacidade de controlo e autonomia na autorregulação seria transferida para a criança, na medida em que esta se tornaria cada vez mais capaz de se autorregular afetivamente enquanto está envolvida em atividades de exploração. Assim, parece ser adequado assumir o papel preponderante da relação de vinculação no desenvolvimento da personalidade. Isto significa que a Teoria da Vinculação parece poder explicar algumas características da personalidade da criança entre estas, a cognição, o afeto, o funcionamento interpessoal e controlo dos impulsos, para além de estabelecer ligações importantes entre as experiências passadas e o funcionamento atual (Lopez, 1995).

Em 1973, Bowlby (cit. por Fraley & Shaver, 2008) analisou o conceito de “*developmental pathways*” recorrendo à metáfora de um complexo sistema de ferrovias – se um/a viajante começa o seu caminho por selecionar a rota principal, eventualmente alcançará um ponto em que a ferrovia se ramifica em vários trilhos distintos. Alguns destes trilhos o/a levariam a terras distantes e desconhecidas, enquanto outros, ainda que desviados da rota principal, seguiriam mais ou menos paralelamente a ela. À medida que a viagem de o/a viajante progride, ele ou ela terá que enfrentar novas escolhas a cada conjuntura; estas terão um impacto significativo na sua jornada e, portanto, no seu destino final.

O desenvolvimento da personalidade parece ser explicado pela metáfora acima descrita, no sentido em que alguns dos “*destinos*” a que o/a viajante chega poderão envolver relacionamentos de alto desempenho com a família, amigos/as e pares românticos, enquanto outros não (Fraley & Shaver, 2008). Isto significa que as relações estabelecidas na infância com as pessoas cuidadoras são particularmente importantes na forma como o sistema de vinculação da criança se organiza, pois de acordo com Bowlby (1973), experiências na infância ajudam a determinar quais serão os “*trajetos possíveis*” a percorrer por um dado indivíduo.

A organização do sistema de vinculação da criança é algo que tem tanto de dinâmico como de complexo – a variação do tipo de cuidado que uma criança recebe pode influenciar o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que esta não é só influenciada por essas experiências, mas também o seu contexto de desenvolvimento subsequente a essas experiências. Isto é, não só o ambiente entre cuidador/a/criança vai moldando as expectativas desta em relação ao mundo, como essas expectativas, por seu lado, influenciam também a maneira como as pessoas se relacionam com a criança. Resultante deste processo dinâmico, é possível detetar alguma coerência ao longo do tempo na forma como a criança funciona e, ainda que alguns comportamentos específicos possam ir mudando, os temas subjacentes que caracterizam os seus reportórios comportamentais parecem ser relativamente estáveis (Fraley & Shaver, 2008). Então, parece ser possível estabelecer uma ligação entre a Teoria da Vinculação e o seu potencial para desempenhar um importante papel no desenvolvimento da personalidade.

2.1 Teste de Rorschach e Vinculação

Segundo Zizi et. al (2019), há componentes da vinculação – muitas vezes associadas a experiências de cuidados interrompidos por parte da figura de vinculação – que podem ser medidos recorrendo a métodos projetivos, como é o caso do Teste de Rorschach. Ao conduzirem uma revisão sistemática sobre as variáveis do Teste de Rorschach que estão mais significativamente relacionadas com construtos da Teoria da Vinculação, Zizi et al. (2019), identificaram o determinante Textura (*Sum T*, Soma de T), as respostas que incluem conteúdo Humano (*Sum H*, Soma de H) e respostas de conteúdo oral e com linguagem associada a dependência oral (ROD, *Rorschach Oral Dependency*). O facto de estas serem as variáveis que os autores encontraram como sendo as mais significativamente relacionadas com a Vinculação, significa que há dados para afirmar que, noutros estudos que recorreram a outras dimensões do Rorschach que não as supramencionadas, os resultados não foram significativos (Berant & Wald, 2009) ou foram apenas moderadamente significativos (Berant, Mikulincer, Shaver & Segal, 2005) no que concerne à ligação à Vinculação.

2.1.1 Textura

Relativamente à Textura (*Sum T*), sabe-se que está associada às necessidades de intimidade e contacto interpessoal e que é a mais promissora variável de Rorschach no que

diz respeito à sua associação à Vinculação (Zizi et al., 2019), na medida em que a resposta que envolve Textura é melhor compreendida recorrendo à *framework* da Teoria da Vinculação do Adulto (Iwasa & Ogawa, 2013). De acordo com autores como Conklin, Malone e Fowler (2012), esta relação parece ter as suas origens nos laços que se estabelecem desde muito cedo entre cuidador/a e criança, especificamente os laços que envolvem trocas táteis. Também outros autores como Casella e Viglione (2009) e Iwasa e Ogawa (2010) encontraram associações significativas entre a Textura e Vinculação. Estes dois estudos concluíram que dar uma resposta T ($T=1$) está associado a um estilo de vinculação seguro, isto é, a indivíduos que parecem ser capazes de expressar o seu desejo por proximidade interpessoal, não estando preocupados se necessitarão desta em excesso e que, por outro lado, dar mais que uma resposta T ($T>1$) está associado a um estilo de vinculação preocupado. Para além disto, Casella e Viglione (2009) reportaram uma relação entre 0 respostas T ($T=0$) com estilo de vinculação evitante e ausência de vinculação segura. Mais tarde, em 2015, também Iwasa e Ogawa encontraram uma associação parcial entre um score de $T>1$ e o estilo de vinculação ansioso.

A hipótese interpretativa de Exner (1974), cit. por Cassella e Viglione (2009) é que *“a resposta codificada com o determinante Textura é provavelmente mais bem interpretada como uma resposta que indica necessidade para contacto interpessoal eficaz”*. Para o autor, a ausência de respostas T pode estar associada a uma vida emocional que, desde cedo, foi tão severamente privada ao ponto de relações interpessoais significativas serem evitadas no futuro, ou seja, ao ponto de a pessoa manter ao longo do tempo essa separação e evitamento de contacto interpessoal com outras pessoas. Cerca de quatro anos mais tarde, Exner (1978), cit. por Cassella e Viglione (2009), elaborou esta interpretação ao notar que pessoas sem respostas T eram mais conservadoras nas suas relações interpessoais próximas e tendiam a serem demasiado preocupadas com o seu espaço pessoal e cuidadosas sobre a criação ou manutenção de laços emocionais com os outros.

Já em 2003, Exner cit. por Casella e Viglione (2009) descreveu o T como uma medida que expressa a necessidade de proximidade aos outros. Especificamente, o autor postula que $T=0$ *“sugere que a pessoa tende a reconhecer ou expressar as suas necessidades de proximidade de formas que são diferentes da maioria das pessoas, não significando que a pessoa não tem essas necessidades”* e relaciona este facto com a falta de expressividade em termos de trocas táteis em relacionamentos próximos. Nestes casos, Exner (2003), cit. por Cassella e Viglione (2009), sugeriu que a interpretação devia ser feita usando a *Sum of*

Shading (frequência de respostas Vista, *Texture*, *Diffuse Shading* e Cor Acromática) como uma variável moderadora. Isto significa que quando não há respostas *Shading*, $T=0$ pode estar associado à falta de envolvimento nas respostas ao teste, em vez de menos expressividade e conforto com a proximidade. No que concerne a protocolos em que $T=1$, Exner (2003), cit. por Cassella e Viglione (2009), postula que essas pessoas são descritas como quem expressa as suas necessidades de proximidade de maneiras que são mais comuns e mais capazes de sustentar relações harmoniosas. Já em protocolos em que $T>1$, Exner (cit. por Conklin, Malone & Fowler, 2012) acreditava que isto estaria relacionado com uma necessidade intensa ou excessiva de proximidade que provavelmente terá a sua origem em experiências de decepção relacional ou perda, que levariam o indivíduo a buscar constantemente a satisfação das necessidades de dependência. As respostas que envolvam Textura são codificadas quando os sombreados presentes nos cartões são interpretados no sentido de representarem uma impressão tátil (Exner, 2003, cit. por Iwasa & Ogawa, 2013), no entanto, a tarefa no Teste de Rorschach é visual e não tátil, o que significa que as respostas que envolvam Textura são uma expressão verbal de uma impressão tátil sem que haja toque físico (Iwasa & Ogawa, 2013).

2.1.2 Conteúdo Humano

No que concerne às respostas codificadas com conteúdo Humano, estas indicam o nível de atenção dado a outras pessoas e o grau de conforto nas relações com outros (Exner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019), e incluem o número total de respostas dadas que incluem conteúdos humanos (*Sum H*). Estas respostas são *H* (respostas que envolvem uma figura humana completa), (*H*) (respostas que envolvem uma figura humana completa que é ficcional ou mitológica, como por exemplo, fadas, gigantes ou bruxas), *Hd* (respostas que envolvem uma parte de uma figura humana, como um braço, uma perna ou pés) e, finalmente, (*Hd*) (respostas que envolvam uma parte de uma figura humana que seja ficcional ou mitológica, como a cabeça do diabo, ou os olhos de um anjo). Obter uma *Sum H* acima de 3 poderá indicar interesse interpessoal médio e uma *Sum H* abaixo de 3 poderá indicar interesse limitado nas outras pessoas, que por sua vez poderá ser indicativo do estilo de vinculação da pessoa (Weiner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019). Algumas destas respostas podem ser divididas entre boas respostas humanas (GHR, *Good Human Responses*) – que indicam uma história e experiências interpessoais que são adaptativas - e respostas humanas “pobres” (PHR, *Poor Human Responses*) (Zizi et al., 2019).

No entanto, num estudo de 1993, Duberstein e Talbot não observaram diferenças entre o número de respostas de conteúdo humano dadas por indivíduos com estilo de vinculação seguro e indivíduos com estilo de vinculação inseguro; observaram, porém, que respostas de conteúdo humano relacionadas com agressão no cartão III estavam associadas a vinculação insegura. Ou seja, em geral, o número de respostas de conteúdo humano neste estudo não traduziu uma associação entre estas e o estilo de vinculação, e só as respostas a um dos cartões se revelaram promissoras.

2.1.3 Conteúdo Oral

No que concerne às respostas com conteúdo Oral, Duberstein e Talbot (1993) estudaram a relação entre respostas com conteúdo oral e humano e os estilos de vinculação. O score do ROD (*Rorschach Oral Dependency Scale*) está associado à medição da dependência interpessoal e é um preditor da conformidade, complacência e comportamento de procura de ajuda e apoio (Bornstein & Masling, 2005; Lečbych & Seitzl, 2013; Masling, Rabie & Blondheim, 1967), e é ao ROD que se associam respostas de conteúdo oral e de dependência.

Pollak (2018) refere que, no Teste de Rorschach, a ODL (*Oral Dependency Language*) é “a medida do Rorschach que mede a dependência interpessoal mais amplamente estudada e mais bem suportada” (Meyer, Viglione, Mihura, Erard & Erdberg, 2011). Como dito anteriormente, esta linguagem inclui tanto conteúdo oral – por exemplo, comida e bebidas (“bolo” ou “vinho”), fontes e fornecedores de comida (“restaurante”, “pássaro no ninho”), recetores passivos de comida (“homem magro” ou “homem gordo”), órgãos associados a comida (“boca” ou “língua”), atividade oral (“pessoas a falar”), objetos associados a comida e instrumentos orais (“copo”, “pratos”) – como conteúdo de dependência – conteúdos associados a passividade e desamparo (“pessoa perdida”), respostas que incluam “baby talk” (“fofinho”), gravidez e órgãos reprodutivos (“placenta”, “ovários”), luta pela vida, nascimento, regeneração, renovação, imploração e rezar, cuidadores (“Jesus”, “pai”), presentes e doadores de presentes, objetos associados a “boa sorte” (Meyer et al., 2011), e respostas que envolvam a negação de percepções orais ou dependentes (“sem boca”, “ninguém está a falar”) (Masling et al., 1967).

Duberstein e Talbot (1993) observaram uma relação curvilínea entre não dar nenhuma resposta e mais de quatro respostas com conteúdo oral e estilo de vinculação

inseguro e dar uma a três respostas com conteúdo oral e estilo de vinculação seguro. Masling (1986) associou imagens orais a comportamentos dependentes e de procura de ajuda, o que pode estar relacionado com construtos de vinculação semelhantes (Juni, Masling & Brannon, 1979).

Para além disto, Lečbych e Seitzl (2013) concluíram que um maior nível de ansiedade de vinculação está fortemente associado a um também mais elevado score do ROD só para pessoas sem historial de tratamento psiquiátrico. Isto tem a ver com o facto de que estes indivíduos vêem os outros de forma mais positiva do que a si mesmos (Bartholomew & Horowitz, 1991), acabando por se esforçar pela aceitação e amor das outras pessoas (Cash, Theriault & Annis, 2004), o que parece conduzir ao alcance de uma pontuação de ROD mais alta. No entanto, questões associadas às características da amostra poderão limitar a generalização a outras populações (Lečbych & Seitzl, 2013). Quanto a participantes com historial de tratamento psiquiátrico, não se verificaram resultados significativos (Lečbych & Seitzl, 2013).

II. ESTUDO EMPÍRICO

1. Pertinência, Objetivo do Estudo e Hipóteses de Investigação

Ainda pouco se sabe sobre as experiências no desenvolvimento do indivíduo que contribuem para o desenvolvimento da personalidade na idade adulta (John, Naumann & Soto, 2008), sendo uma das principais razões para isso o foco na componente genética (Bouchard, 2004; Bouchard & Loehlin, 2001), algo que empurrou o papel dos fatores ambientais para segundo plano. Atualmente, no entanto, parece ser aceite a ideia de que a genética, o ambiente, e a interação entre os dois, desempenham um importante papel na contribuição para a formação da personalidade na idade adulta (Shiner & Caspi, 2003). Neste sentido, segundo autores como Fraley e Shaver (2008), é justamente nas primeiras experiências interpessoais entre criança e cuidador/a que se começa a dar esta interação entre a genética e o ambiente, daí a sua indubitável importância para o desenvolvimento de um estilo seguro ou inseguro de vinculação entre o/a cuidado/a e o/a cuidador/a.

O estudo da Personalidade tem sido, nas últimas décadas, um campo de grande interesse para investigadores/as no âmbito das Ciências Psicológicas. Atualmente, sabe-se que três tarefas centrais da Psicologia da Personalidade são descrever, prever e explicar diferenças individuais em pensamentos, sentimentos e comportamentos. Sabe-se que a investigação relativa à personalidade tem sido alvo de progressos mais ao nível da descrição e predição e não tanto ao nível da explicação das diferenças entre indivíduos (Baumert, Schmitt & Perugini, 2019). Então, parece ser importante desenvolver investigação no âmbito dos fatores explicativos das diferenças dentro do construto da personalidade, de modo a contribuir para uma compreensão integrada e ampla do seu funcionamento. Neste sentido, uma das teorias que parece providenciar algum suporte justificativo para as diferenças de personalidade é a Teoria da Vinculação, no sentido em que, segundo Ainsworth (1989) e Bowlby (1969, 1982, 1988), a Teoria da Vinculação é um construto central na compreensão do funcionamento da personalidade e, até, da psicopatologia ao longo do ciclo da vida.

A ligação entre a Teoria da Vinculação e o Teste de Rorschach – um teste projetivo de avaliação da personalidade – nomeadamente, a ligação entre variáveis específicas do Teste de Rorschach que possam estar associadas a determinados estilos de vinculação (Berant, 2017; Berant et. al 2005; Berant & Wald 2009; Berant & Zim, 2013; Cassella & Viglione, 2009; Duberstein & Talbot, 1993; Iwasa & Ogawa, 2010, 2013, 2015; Lečbych &

Seitl, 2013; Pollak, 2018; e Zizi et. al, 2019), é algo que, para além de relativamente recente no âmbito da literatura, é também algo não muito explorado, especialmente se olharmos para o panorama português, contexto em que o tema nunca foi abordado. Assim, o presente estudo poderá ser pertinente pois traz a novidade do tema para a comunidade científica em Portugal, através da ligação entre instrumentos como o Teste de Rorschach e de teorias como a Teoria da Vinculação.

Para isso, foram utilizados o Teste de Rorschach, a Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e ainda uma entrevista semiestruturada. Nesse sentido, é no aprofundamento da interpretação dos resultados dos testes e da entrevista, e, para além disso, na ligação entre esses resultados, que o presente estudo se debruça. Num artigo de Canavarro, Dias e Lima (2014), os/as autores/as referem que, segundo Crowell, Fraley e Shaver (1999), há vantagens em recorrer a instrumentos de autorrelato para avaliar a vinculação na pessoa adulta. Entre estas, salienta-se, por exemplo, o facto de as pessoas adultas terem experiência relacional suficiente que permita que descrevam como se comportam e sentem relativamente às relações da sua vida, tal como conhecer o tipo de afirmações das pessoas com quem se relacionam sobre o seu próprio conjunto de comportamentos. Para além disto, a vinculação parece assumir também um papel central na dimensão emocional da vida das pessoas adultas (Bowlby, 1973, 1980), o que permite que estas acedam e forneçam informações relativas às suas experiências emocionais relativas às relações com a(s) figura(s) de vinculação.

Todavia, Crowell et al. (1999) acreditam que *“colocar uma pessoa no espaço bidimensional do estilo de vinculação não é, por si só, o mesmo que determinar o porquê da pessoa estar localizada numa região em particular desse espaço”*. Por essa razão, foi considerado importante incluir uma entrevista semiestruturada que procurasse explorar a natureza e características da relação estabelecida com os/as cuidadores/as, para além do instrumento de autorrelato EVA. Para além disto, as entrevistas poderão ser particularmente importantes em situações de necessidade de desempate caso os/as participantes tenham pontuações no EVA situados no ponto de corte.

O estudo efetuado poderá, então, contribuir para a vertente da investigação, construção do conhecimento científico e atuação na área da saúde mental. Sobre esta última e, especificamente, sobre a prática da psicologia clínica, o assunto poderá ser especialmente pertinente: a utilização do Teste de Rorschach aliado à utilização de um teste de avaliação do Estilo de Vinculação e/ou ainda a uma entrevista, poderá traduzir-se numa poderosa fonte

de informação clínica e, portanto, contribuir para o levantamento de hipóteses diagnósticas mais ricas, robustas e fidedignas, levando a que o planeamento da intervenção possa ser mais personalizado e adequado à realidade do/a cliente.

Deste modo, o principal objetivo do presente trabalho é compreender de que forma se dá, no contexto português, a associação entre determinadas variáveis do Teste de Rorschach e o estilo de vinculação de um indivíduo (avaliados pela EVA e pela entrevista semiestruturada), procurando confirmar ou infirmar o que a literatura internacional tem vindo a explorar sobre o assunto.

Assim, e de acordo com a revisão de bibliografia realizada, as hipóteses de investigação são as seguintes:

H1 – Participantes com estilo de vinculação seguro, tenderão a dar 1 resposta Textura no Teste de Rorschach (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010).

H2 – Participantes com estilo de vinculação preocupado, tenderão a dar mais que 1 resposta Textura no Teste de Rorschach (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010).

H3 – Participantes com estilo de vinculação evitante (estilo de vinculação ou amedrontado ou desinvestido, segundo a nomenclatura de Bartholomew & Horowitz, 1991), tenderão a dar 0 respostas Textura no Teste de Rorschach (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010).

H4 – Participantes com estilo de vinculação seguro, tenderão a obter uma *Sum H* acima de 3 (Weiner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019).

H5 - Participantes com estilos de vinculação inseguros, tenderão a obter uma *Sum H* inferior a 3 (Weiner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019).

H6 – Participantes com estilo de vinculação ansioso (estilo de vinculação preocupado, segundo a nomenclatura de Bartholomew & Horowitz, 1991), tenderão a obter um *score* do ROD mais elevado (Zizi et. al, 2019) comparativamente a participantes com outros estilos de vinculação.

2. Participantes

a) Seleção da amostra

O recrutamento dos/das participantes foi feito através de um processo de amostragem não probabilístico por conveniência e bola de neve, não tendo sido definidos critérios de exclusão ou de inclusão. Então, em alguns casos foram sendo selecionados membros da população mais acessíveis (conveniência), enquanto noutros casos, foi selecionada uma pessoa que demonstrou interesse em participar e, de seguida, essa pessoa foi indicando novos contactos – a partir da sua rede pessoal – que manifestaram interesse na participação (bola de neve). Esses/as novos/as participantes foram fazendo o mesmo, e assim sucessivamente.

b) Caracterização da amostra

Aquando da elaboração do esqueleto da investigação, a ideia inicial seria incluir uma amostra maior do que a obtida. No entanto, devido às complicações em reunir presencialmente com os/as participantes associadas à pandemia Covid-19, a recolha de dados, para além de ter demorado mais tempo a efetuar, acabou também por ficar restrita a 15 participantes. Surgiu, na altura, a ideia de aplicação dos instrumentos *online*, por exemplo, através de videochamada. No entanto, por questões de rigor, especialmente, na aplicação do Teste de Rorschach, foi decidido que a recolha de dados teria de ser feita presencialmente.

Assim, a amostra é composta por 15 participantes, 8 do género masculino (53.33%) e 7 do género feminino (46.66%), com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, apresentando uma idade média de 23 anos ($M=23.53$; $DP=2.88$).

3. Instrumentos

a) Teste de Rorschach

O Teste de Rorschach (Rorschach, 1978) é um teste projetivo de avaliação da personalidade composto por 10 cartões com manchas de tinta em que se pergunta ao/a examinado/a, para cada cartão, “*o que poderia ser isto?*”, levando a que o indivíduo tenha de tomar uma sequência de decisões para resolver problemas que, por sua vez, levam a uma série de respostas (Exner, 2000).

Assim, é um teste que permite a observação das estratégias de resolução de problemas da pessoa examinada, teste da realidade e processos de pensamento bem como

autorrepresentações e preocupações do domínio interpessoal (Berant & Zim, 2013). Para além disso, o Teste de Rorschach é uma ferramenta que avalia traços implícitos que poderão não fazer parte das descrições conscientes do indivíduo, sendo que esses traços se revelam mais provavelmente em situações relativamente não estruturadas ou desconhecidas (Berant & Zim, 2013), como é o exemplo do cenário de aplicação do teste.

Depois de as respostas serem codificadas, compiladas sequencialmente e usadas como base para diversos cálculos, surgem três conjuntos de dados inter-relacionados (Exner, 2000). O primeiro tem a ver com o vocabulário utilizado pela pessoa ao dar respostas ou ao responder a questões colocadas pelo/a examinador/a, bem como uma observação do comportamento da pessoa na situação de teste. O segundo, com a sequência das respostas dadas, refletida no conteúdo das respostas e codificação ou pontuação atribuída. Por fim, o terceiro conjunto de dados tem a ver com o gráfico estrutural de frequências para pelo menos 100 variáveis a partir do qual são obtidos dados para mais de 60 variáveis, proporções, percentagens e índices (Exner, 2000). Todos juntos, estes dados formam as substâncias interpretativas do teste, originando uma quantidade de informação suficiente para a construção válida de uma descrição da psicologia do indivíduo (Exner, 2000).

b) *Entrevista semiestruturada*

Fez parte da elaboração deste trabalho, a elaboração de uma entrevista semiestruturada construída pela investigadora sob supervisão do orientador, que tem como objetivo recolher dados sobre a forma como o/a entrevistado/a se relaciona com a(s) sua(s) figura(s) de vinculação, incidindo mais, portanto, na infância ou na adolescência do/a entrevistado/a. O objetivo foi perceber o funcionamento da relação entre este/a e a(s) sua(s) figura(s) cuidadora(s) primária(s) e de que forma, na perspetiva da pessoa, isso influenciou o desenvolvimento da sua personalidade. Esta entrevista seguirá em anexo (Anexo 1).

c) *Adult Attachment Scale-R* – Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A EVA (versão original: Collins & Read, 1990; versão portuguesa: Canavarro, 1997), é um questionário de autorresposta destinado a avaliar a vinculação no adulto. É constituído por 18 itens que devem ser respondidos numa escala de 5 pontos (1=Nada característico em mim a 5=Extremamente característico em mim). A partir destes 18 itens, foram identificadas três dimensões cada qual constituída por 6 itens – o Conforto com a proximidade (*Close*), que avalia o grau de conforto da pessoa em estabelecer relações próximas, a Confiança nos outros (*Depend*), que avalia a maneira como o indivíduo experiencia a dependência de outros

em situações em que necessita, e a Ansiedade (*Anxiety*), que avalia o grau de preocupação com situações de abandono ou rejeição (Canavarro, Dias & Lima, 2014).

No estudo psicométrico realizado em Portugal, o valor de *alfa* para o total dos itens foi elevado ($\alpha=.81$). A dimensão *Anxiety* também apresentou um valor elevado de *alfa* ($\alpha = .84$), ainda que as dimensões *Close* e *Depend* apresentem valores de, respetivamente, .67 e .54, valores inferiores ao desejável (Canavarro et. al, 2014).

Esta escala permite a classificação dos indivíduos nos 4 estilos de vinculação (anteriormente descritos) propostos por Bartholomew & Horowitz (1991), razão pela qual fez sentido utilizar a EVA e o Modelo Bidimensional da Vinculação no Adulto destes autores no presente estudo.

4. Procedimento de recolha de dados

A realização desta pesquisa contou com o parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Refª 2021/04-03b) (Anexo 2). A recolha dos dados foi feita entre o mês de julho e setembro de 2021 e contou com a administração dos instrumentos acima descritos em regime presencial, num espaço calmo, silencioso e com luminosidade suficiente. A confidencialidade das informações fornecidas foi, assim, assegurada, na medida em que no momento da recolha apenas se encontravam presentes a investigadora e o/a participante.

Deste modo, o/a participante teve acesso ao Consentimento Informado (Anexo 3) antes de se iniciar a recolha dos dados propriamente dita. Neste documento encontram-se informações sobre o objetivo do estudo, o tipo de instrumentos de que se serve e a declaração de intenção relativa à vontade de participação, sítio do documento em que todos/as os/as participantes preencheram com uma cruz, manifestando o seu interesse em colaborar na investigação. Neste documento também se encontra o e-mail, da investigadora de modo que os/as participantes com interesse em saber os resultados pudessem entrar em contacto.

Quanto, especificamente, à aplicação do teste de Rorschach, esta respeitou os procedimentos utilizados por Pires (2014) no estudo normativo para a população portuguesa adulta e, portanto, os mesmos utilizados por Exner (1993), nomeadamente: inclusão de apenas protocolos com um total de respostas mínimo de 14, posição lateral de 90° na administração do teste, bem como registo escrito de todas as respostas e respetiva localização nos cartões.

5. Procedimento de análise dos dados

A codificação das respostas dos 15 protocolos do Teste de Rorschach foi inserida no programa *Chessss 1.52 Paris*, um programa concebido especificamente para facilitar o processo de cotação a utilizadores/as do Teste de Rorschach pois efetua, após inserção da codificação, a realização do Sumário Estrutural. A codificação foi feita por mim, e de seguida analisada, protocolo a protocolo, pelo professor orientador, de forma a reduzir a margem de possíveis erros de cotação.

Relativamente ao tratamento estatístico dos dados do presente estudo foi utilizado o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 27.

III. RESULTADOS

1. Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e Entrevistas

Através da Escala de Vinculação do Adulto, foi possível dividir os/as 15 participantes em 4 grupos distintos consoante o Estilo de Vinculação – Estilo de Vinculação Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado (Bartholomew & Horowitz, 1991). Cerca de oito participantes caem dentro do grupo com Estilo de Vinculação Seguro (53.3%), e sete dentro do grupo com Estilos de Vinculação Inseguros (46.7%). Dentro deste, três participantes pertencem ao grupo com Estilo de Vinculação Preocupado (20%), dois ao grupo com Estilo de Vinculação Desinvestido (13.3%) e, por fim, também dois fazem parte do grupo com Estilo de Vinculação Amedrontado (13.3%). Em anexo (Tabela 1), encontram-se as principais características dos diferentes estilos de vinculação segundo Bartholomew e Horowitz (1991), e excertos do conteúdo das entrevistas que parecem ir ao encontro das características gerais de cada estilo. De seguida, segue uma descrição mais detalhada e complementar à tabela.

No que concerne aos/às oito participantes identificados com **Estilo de Vinculação Seguro** na EVA, encontrou-se que, geralmente, as relações entre os/as participantes e as figuras de vinculação foram sendo descritas com discursos que evidenciam a ideia de “*infância feliz*”, relações saudáveis, ausência de recordação de percas significativas, presença de momentos de qualidade e perceção da(s) figura(s) cuidadora(s) como figura(s) com características sentidas como positivas. Estes discursos foram, por exemplo, “*era o menino da mamã, muito mimado, e tinha uma relação muito boa com ela, era o menino*

preferido por todos, até pelos tios”, “a minha mãe é calorosa, preocupada, há à vontade para falar de tudo”, “sempre vi os meus pais como base segura, porto de abrigo, como acolhedores dos medos e receios mas também como pessoas que sabiam dar incentivo para interagir com as crianças e voar”, e “a minha mãe sempre foi muito fixe, muito louca, e está mais presente quando estou mal”.

Ainda que estas frases sejam representativas do tipo de discurso geral, foram identificadas algumas especificidades, como por exemplo, alguns/algumas participantes que revelaram ter ocorrido divórcio dos pais na infância ou adolescência, mortes, término de relações com outras pessoas significativas da família, e relações menos “*calorosas*” com uma das figuras de vinculação relativamente à outra e a forma como estes eventos impactaram o seu desenvolvimento.

O dia-a-dia dos/as participantes foi descrito, geralmente, como um dia-a-dia em que a(s) figura(s) de vinculação estava(m) presentes na vida escolar de cada um/a, na dimensão do lazer, da alimentação e de outras necessidades – “*recordo momentos de muita qualidade com a minha mãe*”, “*fazíamos lanches juntos, havia alegria, disponibilidade e se eu pedisse algo, as minhas necessidades eram correspondidas*”.

Ao recordarem de que forma como o seu relacionamento com a(s) figura(s) de vinculação desempenhava um papel em situações em que havia necessidade de pedir ajuda, os/as participantes tiveram discursos que refletem sensações de apaziguamento, entendimento, tranquilidade, busca por soluções, alívio, segurança, promoção da autonomia, proteção, acolhimento, interesse, validação de sentimentos e de resolução adequada das situações. Estas sensações foram sendo descritas através de frases, como por exemplo, “*a tranquilidade da minha mãe fazia com que eu desfrutasse dos momentos em que me ajudava*”, “*a minha mãe sabia resolver as coisas do ponto de vista emocional, sempre me senti protegida*” ou “*procuravam perceber porque é que me senti de tal forma, qual foi a ação que tomei ou qual poderia ter tomado, e a partir daí havia resolução*”. Para além disto, os/as participantes revelaram também que a(s) figura(s) de vinculação “*não era(m) severo/a(s), nada de bater, nada de castigos*” e que, pelo contrário, relembram maioritariamente momentos de flexibilidade, apoio, comunicação seguida de resolução e, até, “*superproteção*”. Relativamente a este tópico, apenas uma participante referiu que acabava por resolver o que precisava de resolver sozinha – “*nunca apreciei muito a forma como a minha mãe resolve as coisas, é um bocado exagerada, dramática e ansiosa*”.

Relativamente a características que terão identificado como características da(s) figura(s) cuidadora(s) que acreditam ter alguma influência no seu próprio desenvolvimento, os/as participantes identificaram um vasto conjunto de características sentidas como positivas – *“influenciaram-me a ser calmo, responsável, cuidadoso e ter sensibilidade aos animais”, “ensinaram-me a ser verdadeiro, tranquilo, sincero, boa pessoa, justo, correto”, “a relação de muita sororidade com a minha irmã fez com que as minhas outras relações sejam ternas, doces, existe respeito pelo espaço, existe ajuda, proximidade e forma incondicional de muito amor e muita amizade”, “sou faladora e animada, mas ao mesmo tempo também sossegada e observadora, e isto tem a ver com os meus pais, bem como a promoção do espírito crítico”*.

Ainda que a maioria tenha sido características positivas, algumas participantes referiram algumas características de uma das figuras cuidadoras que sentem ter tido influência no seu desenvolvimento que são sentidas como menos positivas, como por exemplo, ansiedade, dependência emocional, existência de *“joguinhos”* que conduziam a que houvesse medo de pedir coisas ou sentir culpa por algo que não devia, falta de confiança, impulsividade – *“reagir no fogo”* – e forte necessidade de afeto.

Finalmente, no que diz respeito à evolução da qualidade das relações ao longo do tempo, os/as participantes reportaram essencialmente alguma estabilidade da mesma, bem como melhorias – *“acho que a relação manteve-se estável ao longo do tempo e até melhorou imenso com o meu pai”, “já há mais possibilidade de abrir a porta relativa ao explorar de sentimentos e falar sobre as coisas e ganhei mais empoderamento hoje em dia para falar de coisas que me incomodam, por exemplo”, e “a relação está semelhante, mas mais fortalecida, as coisas mais racionais e menos impulsivas, há discussão construtiva sobre as coisas... é uma relação muito íntima, fala-se de tudo”*.

Já no que diz respeito aos participantes que apresentaram **Estilo de Vinculação Preocupado** na EVA, os três revelaram terem relações próximas e felizes com as figuras maternas, e dois destes revelaram a existência de alguma violência por parte do pai para com a mãe. Um destes participantes acrescentou que estas situações o tornaram em alguém muito carente – *“sou demasiado carente e procuro nos amigos figuras paternas”*.

Em relação ao dia-a-dia de quando eram crianças, os três referiram uma relação entre eles e os pais especialmente instrumental, descrevendo que estes eram presentes mais na rotina diária de ida para o infantário e volta para casa, e que, para além destas rotinas, não havia muitas recordações de tempo passado em família. Ainda assim, foi também comum

aos três revelarem que os pais *“nunca deixaram faltar absolutamente nada, foi sempre tudo 100% assegurado”*.

Em situações de necessidade, dois dos participantes revelaram pedir ajuda à mãe e que a resposta era sempre de *“superproteção e atenção”* – *“até demais, ao ponto que não me ensinava a defender a mim mesmo”*. O outro participante contou não pedir ajuda a ninguém quando necessitava, pois não era expectável que o ajudassem – *“em termos emocionais, as coisas resolviam-se comigo, sozinho”*.

No que é relativo a estabelecimento de regras, situações de castigo e resolução das mesmas, um dos participantes referiu que havia *“regras muito restritas, sempre”* e que *“se não cumprisse alguma delas, sentia-me muito restringido”*. Para além disto, acrescentou que sempre sentiu *“ter que ir contra o sistema, ou seja, fazer o que não podia fazer para eventualmente ter liberdade para o fazer, e isso fez-me crescer revoltado”*. Os outros dois, contaram que nunca houve situações claras de castigo, e que simplesmente não havia uma resolução quando algo corria mal, *“as coisas simplesmente continuavam a acontecer”* e *“a resolução de questões acontecia naturalmente, não há uma conversa, mas há sempre dano”*, algo que o terá influenciado negativamente – *“deixar as coisas acontecer em vez de tentar controlar”*. Um destes participantes, acrescentou ainda que o que seria mais normal era haver *“uma quebra de confiança – quando eu fazia algo que eles não queriam, dentro do que idealizavam, provavelmente ia me ver privado de liberdades quando precisasse delas”*.

Foi comum aos três participantes existir uma deterioração, ao longo do tempo, da relação com pelo menos uma das figuras cuidadoras – *“perdi o contacto com o meu pai e só falo com a minha mãe”*, *“a relação com a minha mãe deteriorou-se completamente, ela é superdependente de mim, obcecada com o controlo de tudo e eu sinto-me assoberbado com isso”* e *“deixei de me relacionar com o meu pai, quando me apercebi de algumas coisas”*. Este último, acrescentou que mesmo a relação com a mãe também se havia deteriorado – *“quando comecei a crescer e a precisar do meu espaço, e a minha mãe continuava com os mesmos limites, começou a haver muitos conflitos”*.

No que concerne ao estabelecimento de relações com as outras pessoas, e à forma como os participantes acreditam que as relações com as figuras cuidadoras os influenciaram nesse sentido, revelaram coisas como *“tenho ansiedade pois estou sempre à espera do pior resultado, independentemente da situação, ou seja, mesmo que não haja sinais nenhuns de que vai correr mal”*, *“sou muito teimoso e persistente em coisas em que tenho de perceber*

o outro lado, talvez porque os meus pais também eram assim, nunca me justificaram o porquê de eu não puder fazer determinada coisa” e, finalmente, “Nunca percebia porque é que não podia fazer determinada coisa, por exemplo, ficar na mesa quando já tinha acabado de comer. Sentia-me um imbecil e que a pior coisa do mundo era desiludir a minha mãe. Não tinha controlo na minha vida porque a minha mãe tinha sempre de fazer as coisas por mim, e não há negociação possível”.

Estes dois participantes também revelaram ter um discurso semelhante sobre a sensação de terem tido sempre *“um pouco menos de liberdade que as outras pessoas da mesma idade”* e de *“ver os/as amigos/as todos/as a terem acesso a coisas ou a alguma privacidade em casa que eles não tinham”*, algo que foi conduzindo a revolta.

Relativamente às entrevistas feitas a participantes que apresentaram **Estilo de Vinculação Desinvestido** na EVA, foi encontrado que ambas as participantes fazem parte de uma estrutura familiar em que há uma separação dos pais (num caso, por razões laborais, no outro, por divórcio) e existência de uma ama, a certa altura. Ainda assim, relatam ter uma relação próxima com as figuras de vinculação, relatando passeios, férias em família, e fins de semana com jogos e programas em família.

As duas participantes têm um discurso semelhante no que diz respeito à procura de ajuda em momentos de necessidade – *“a minha mãe é severa, houve situações em que tinha medo de dizer o que aconteceu com medo de que a mãe ficasse chateada”* e *“tentava não recorrer a ajuda, e se pedisse era sempre só em último caso”*. A par disto, as participantes também recordam momentos especialmente marcantes em que um/a das figuras cuidadores/as se terão exaltado e cortado contacto durante algum tempo com elas – a minha mãe ficou *“muito chateada durante algum tempo, levando a que me ignorasse”* e *“o meu pai passou-se completamente e andou uma semana sem me falar”*.

A relação com as figuras de vinculação influenciou, no entanto, de forma diferente, as duas participantes: para uma, os pais sempre lhe ensinaram que *“para cada asneira feita, há uma consequência”* e que, pela severidade da mãe, não havia muita abertura, pelo que era necessário *“esconder coisas”*, algo que reconhece estar presente nas suas relações atuais pois *“às vezes quero dizer algo e depois decido não o fazer pois acho que a resposta já vai ser negativa”*; para a outra, esta ressaltou a importância de como a comunicação entre ela e os pais foi influenciada pelas maneiras distintas de ser destes, *“quando quero ouvir determinada coisa, recorro a um e quando quero ouvir outra, recorro a outro”*.

Finalmente, as entrevistas feitas a participantes que apresentaram **Estilo de Vinculação Amedrontado** na EVA, revelaram uma relação com as respectivas figuras cuidadoras “*simples*”, “*tranquila*” e, de uma forma geral, um apego forte à figura maternal – “*a minha mãe estava mais em casa, o que possibilitava uma relação muito presa ao “cordão umbilical”, “a minha mãe sempre muito em cima (...), sempre a mãe”, “mãe preparava tudo*”. Ainda sobre esta figura, um dos participantes relatou que era ela a defendê-lo muito, “*muito mãe galinha... defensora, protetora e sem medo de nada*”.

Ambos os participantes referiram questões ligadas a conservadorismo e autoridade por parte dos pais – “*eu tentava não levantar o fumo para não haver fogo*”. Um discurso que vai ao encontro deste, é o do outro participante, que afirmou que uma das características da mãe que o influenciou sempre é a de “*tentar não criar muitos conflitos, deixar passar*”. Aliado a estes aspetos, também surge a questão, para este participante, da forte comparação às irmãs e falta de compreensão das suas próprias escolhas de vida e, para o outro, de uma dificuldade grande em voltar a ficar “*tudo bem*” após exposição aos pais de questões pessoais, como se fosse necessário “*muito trabalho para voltar a tê-los*”.

Quanto ao panorama atual das relações dos participantes com as figuras de vinculação, um refere que com a figura materna houve um deterioramento da relação pois “*ela não compreende que preciso de me afastar de casa, algo que quebra a questão de ela ser mãe galinha*”. O outro, refere que a relação melhorou, ainda que ainda haja muita discrepância a nível de visões sobre a sociedade, algo que inicia muitas discussões. Relativamente às figuras paternas, ambos reportaram uma melhoria e estabilidade na relação.

2. Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e Teste de Rorschach

H1 – Participantes com estilo de vinculação seguro, tenderão a dar uma resposta Textura no Teste de Rorschach (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010).

De forma a responder à Hipótese 1, analisaram-se as estatísticas descritivas dos participantes com estilo de vinculação seguro relativamente à frequência das respostas Textura no Teste de Rorschach e verificou-se que quatro participantes não tiveram qualquer resposta Textura, um/a participante teve uma resposta Textura e três participantes deram duas respostas Textura (tabela 2, em anexo). Deste modo, infirma-se a Hipótese 1.

Análise Complementar:

Realizou-se uma análise estatística complementar, o teste *Mann-Whitney*, para avaliar as diferenças entre participantes com estilo de vinculação seguro ($Mdn=.50$) e os/as que apresentam outro estilo de vinculação ($Mdn=0$) relativamente ao número de respostas Textura. Conclui-se que não existem diferenças significativas, $U=25.5$, $p=.75$.

H2 – Participantes com estilo de vinculação preocupado, tenderão a dar mais que uma resposta Textura no Teste de Rorschach (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010).

Relativamente à Hipótese 2, analisaram-se as estatísticas descritivas dos participantes com estilo de vinculação preocupado relativamente à frequência das respostas Textura no Teste de Rorschach e verificou-se que um/a participante deu zero respostas Textura, um/a participante teve uma resposta Textura e um/a participantes deram duas respostas Textura (tabela 3 em anexo). Deste modo, infirma-se a Hipótese 2.

Análise Complementar:

Realizou-se uma análise estatística complementar, o teste *Mann-Whitney*, para avaliar as diferenças entre participantes com estilo de vinculação preocupado ($Mdn=1.00$) e os/as que apresentam outro estilo de vinculação ($Mdn=0$) relativamente ao número de respostas Textura. Conclui-se que não existem diferenças significativas, $U=15.0$, $p=.63$.

H3 – Participantes com estilo de vinculação evitante (estilo de vinculação ou amedrontado ou desinvestido, segundo a nomenclatura de Bartholomew & Horowitz, 1991), tenderão a dar zero respostas Textura no Teste de Rorschach (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010).

Relativamente à Hipótese 3, analisaram-se as estatísticas descritivas dos participantes com estilo de vinculação evitante relativamente à frequência das respostas Textura no Teste de Rorschach e verificou-se que três participantes deram zero respostas Textura e um/a participante deu duas respostas Textura (ver tabela 4, em anexo). Deste modo, confirma-se a Hipótese 3.

Análise Complementar:

Realizou-se uma análise estatística complementar, o teste *Mann-Whitney*, para avaliar as diferenças entre participantes com estilo de vinculação amedrontado ou desinvestido ($Mdn=0$) e os/as que apresentam outro estilo de vinculação ($Mdn=1.00$) relativamente ao número de respostas Textura. Conclui-se que não existem diferenças significativas, $U=16.5$, $p=.43$.

H4 – Participantes com estilo de vinculação seguro, tenderão a obter uma *Sum H* acima de três (Weiner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019).

Relativamente à Hipótese 4, analisaram-se as estatísticas descritivas dos participantes com estilo de vinculação seguro relativamente à *Sum H* no Teste de Rorschach e verificou-se que a amplitude de respostas de conteúdo humano está compreendida entre dois e dezanove (ver tabela 5, em anexo). Deste modo, confirma-se a Hipótese 4.

Análise Complementar:

Realizou-se uma análise estatística complementar, o teste *Mann-Whitney*, para avaliar as diferenças entre participantes com estilo de vinculação seguro ($Mdn=9.50$) e os/as que apresentam outro estilo de vinculação ($Mdn=9.0$) relativamente ao número de respostas que incluem conteúdos Humanos (*Sum H*). Conclui-se que não existem diferenças significativas, $U=26.0$, $p=.82$.

H5 - Participantes com estilos de vinculação inseguros, tenderão a obter uma *Sum H* inferior a três (Weiner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019).

Relativamente à Hipótese 5, analisaram-se as estatísticas descritivas dos participantes com estilo de vinculação inseguro relativamente à *Sum H* no Teste de Rorschach e verificou-se que a amplitude de respostas de conteúdo humano está compreendida entre quatro e onze (ver tabela 6, em anexo). Deste modo, infirma-se a Hipótese 5.

Análise Complementar:

Realizou-se uma análise estatística complementar, o teste *Mann-Whitney*, para avaliar as diferenças entre participantes com estilo de vinculação inseguro ($Mdn=9.50$) e os/as que apresentam estilo de vinculação seguro ($Mdn=9.0$) relativamente ao número de respostas que incluem conteúdos Humanos (*Sum H*). Conclui-se que não existem diferenças significativas, $U=26.0$, $p=.82$.

H6 – Participantes com estilo de vinculação ansioso (estilo de vinculação preocupado, segundo a nomenclatura de Bartholomew & Horowitz, 1991), tenderão a obter um score do ROD mais elevado (Zizi et. al, 2019) comparativamente a participantes com outros estilos de vinculação.

Relativamente à Hipótese 6, através do teste *Mann-Whitney*, conclui-se que o score de ROD não difere significativamente entre os participantes com estilo de vinculação preocupado ($Mdn=.15$) e os/as participantes com outros estilos de vinculação (seguro, amedrontado ou desinvestido) ($Mdn=.09$), $U=9.0$, $p=0.19$.

IV. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A presente investigação teve como objetivo investigar a relação entre determinadas respostas no Teste de Rorschach e Estilos de Vinculação. Nomeadamente, debruçou-se sobre as variáveis do Teste de Rorschach que, na literatura, são referidas como tendo uma ligação mais consistente com a Vinculação dos/das participantes, sendo estas a Textura (*SumT*), e respostas de conteúdo oral (*ROD – Rorschach Oral Dependency*) (Zizi et al., 2019). Para além destas, foram também exploradas as respostas de conteúdo humano (*SumH*), consideradas também indicadores importantes do Rorschach que se relaciona com o construto da Vinculação (Zizi et al., 2019).

Primeiramente, faz sentido atentar à relação das entrevistas com os resultados obtidos na Escala de Vinculação do Adulto (EVA). Parece ser claro, como descrito na secção número 1 dos Resultados, que os resultados da EVA vão ao encontro do explorado em contexto de entrevista com cada um/a dos/as participantes. Isto significa que as entrevistas se revelaram importantes fontes de informação na medida em que adicionaram robustez aos resultados da EVA, trazendo riqueza e clareza para a interpretação dos resultados. Revelou-se interessante

perceber de que modo as narrativas que os/as participantes trouxeram para a entrevista são um espelho do resultado encontrado na EVA, contribuindo assim para um fortalecimento da informação referente ao estilo de vinculação, através do aprofundamento de dinâmicas específicas do relacionamento participante-cuidadores/as primários/as.

No que concerne ao teste de Rorschach, e relativamente à variável Textura, não se verificaram, na presente investigação, resultados semelhantes ao de outras investigações (Casella & Viglione, 2009; Iwasa & Ogawa, 2010; Conlink et. al, 2012), no que diz respeito à presença de uma resposta Textura ($T=1$) para participantes com estilo de vinculação seguro (H1), nem no que diz respeito à presença de mais que uma resposta Textura ($T>1$) para participantes com estilo de vinculação preocupado (H2). No entanto, confirmou-se a H3, associada à tendência para ausência de respostas Textura ($T=0$) para participantes com estilo de vinculação ou amedrontado ou desinvestido. Este resultado vai ao encontro do encontrado tanto no estudo de Cassella e Viglione (2009), como de Conlink et. al (2012), pois participantes que revelaram estilo de vinculação evitante (estilo de vinculação ou amedrontado ou desinvestido, segundo a nomenclatura de Bartholomew & Horowitz, 1991), obtiveram $T=0$ nos resultados do Teste de Rorschach. Porém, no estudo de Iwasa e Ogawa (2010), a associação do estilo de vinculação evitante a ausência de respostas T ($T=0$) revelou-se inconclusiva, tal como sucedido com a procura de associações entre as variáveis Textura e estilos de vinculação três anos mais tarde (Iwasa e Ogawa, 2013). No entanto, no estudo de Iwasa e Ogawa em 2010, a associação surgiu entre a ausência de respostas Textura ($T=0$) e participantes com estilo de vinculação preocupado. Cerca de seis anos mais tarde, ainda que o estilo de vinculação ansioso se tenha revelado parcialmente associado à obtenção de mais que uma resposta T ($T>1$), os autores voltaram a encontrar uma associação não significativa entre $T=0$ e vinculação evitante (Iwasa e Ogawa, 2010), à semelhança do encontrado em 2010.

A inconsistência dos resultados poderá apontar para a relevância de elaboração de estudos que busquem aprofundar a associação entre a Textura e o estilo de vinculação e, particularmente, com estilos de vinculação amedrontados ou desinvestidos. Dos/as quatro participantes com estilos de vinculação amedrontados ou desinvestidos, três obtiveram zero respostas T e um obteve duas respostas T. Sendo o único participante dos/as quatro que deu respostas T, poderá fazer sentido atentar nas mesmas qualitativamente. Estas duas respostas foram: (1) *“Wow. É um papa formigas com 1 cabeça muito pequenina e 1 corpo gigante, quase corpo de urso. (Repetição de resposta) A cabecinha é esta parte. O nariz, e esta parte*

fluffy. (Fluffy?) Sim, dá 1 ar de fofo, de pelinho. É a sombra, mais clarinho e mais escuro, e depois tem aqui as pernas e os braços.” e (2) “Ah, espera, incrível! Já estou no Auto da Barca do Inferno. Sei lá, um diabo com asas e corninhos. Mas é só 1 senhor muito barrigudo. (Repetição de resposta) O senhor porque me deu assim 1 vibe de peruca aqui mais clarinho e depois este traço dá 1 vibe de fato que fecha. É um senhor barrigudo.”

Campo (1992), citado por Iwasa e Ogawa (2013), sugeriu que, entre outras categorias, as respostas Textura podem ser analisadas de acordo com as suas características qualitativas, incluindo a emocionalidade da resposta. Este critério pode ser potencialmente útil para perceber a força da emoção associada à resposta textura. A primeira resposta poderá ser interpretada como carregando, qualitativamente falando, alguma expressão emocional – há recurso a palavras no diminutivo (*“pequenina”, “cabecinha”, “pelinho”, “clarinho”*), referência ao ar *“fofo”* do *“pelinho”* e conta com um conteúdo Animal; a segunda, por sua vez, não carrega qualquer tipo de emocionalidade e conta com conteúdos ligados a Arte, Representação Humana e Roupas, e nenhuma das duas foi cotada com algum *Special Score*. Assim, ainda que sejam respostas T, devem ser analisadas cuidadosamente, pois apesar de que a primeira resposta traz alguma expressão emocional, esta não parece ser forte; para além disto, não há qualquer emoção associada à segunda resposta. Estes resultados parecem fazer sentido considerando o estilo de vinculação do participante (amedrontado).

Já no que diz respeito às respostas com conteúdos humanos – *Sum H*, composta por *H*, (*H*), *Hd*, (*Hd*) – confirmou-se que participantes com estilo de vinculação seguro deram mais do que três respostas que se inserem na *Sum H* (*H4*), porém, infirmou-se a hipótese de que participantes com estilos de vinculação inseguros, tenderiam a obter uma *Sum H* inferior a três (*H5*) (Weiner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019). No entanto, pode observar-se que enquanto para participantes com estilo de vinculação seguro a amplitude do número de respostas com conteúdo humano variou entre dois e dezanove, para participantes com estilo de vinculação inseguro a amplitude variou entre quatro e onze, algo que poderá apontar para uma tendência de estes/as darem menos respostas com conteúdo humano comparativamente ao grupo cujo estilo de vinculação é considerado seguro. Dado que as respostas que envolvem conteúdo Humano indicam o nível de atenção dado a outras pessoas e o grau de conforto nas relações com outros (Exner, 2003, cit. por Zizi et. al, 2019), este resultado parece fazer sentido – pessoas com estilo de vinculação seguro, e portanto com, provavelmente, mais interesse interpessoal, deram em média nove respostas que se incluem na *Soma de H*, enquanto pessoas com estilos de vinculação inseguros, com, provavelmente,

interesse interpessoal mais limitado, deram em média quatro respostas que se incluem na *Soma de H*.

A título exploratório, foi feita uma análise da frequência das respostas que se incluem na *Sum H* entre o grupo classificado com vinculação segura e o grupo classificado com vinculação insegura, concluindo-se que o primeiro deu um total de 72 respostas, enquanto o segundo um total de 58. Sabendo-se que a *Sum H* reflete a sensibilidade a, ou o interesse em outras pessoas (Mihura & Meyer, 2018), esta diferença poderá ser levada em conta, dado que participantes com vinculação insegura deram um total de menos 14 respostas que se encaixam na *Sum H*, comparativamente a participantes com vinculação segura – um resultado que parece fazer sentido. Note-se, ainda assim, que este resultado contraria o encontrado por Duberstein e Talbot (1993), que não encontraram uma associação entre o número de respostas de conteúdo humano e o estilo de vinculação, e também não confirma o que os mesmos autores encontraram relativamente à associação entre respostas de conteúdo humano com agressão no cartão III e vinculação insegura.

Ainda sobre as respostas de conteúdo humano, Exner (2000) postula que é importante que a codificação para uma única resposta não assuma um peso indevido na formulação de uma interpretação. O autor acrescenta que o objetivo é analisar, ainda que de modo geral, as codificações de todas as respostas que envolvam conteúdo humano, e apresenta uma lista de diretrizes gerais para diferenciar aspetos positivos e negativos de uma dada resposta que envolva conteúdo humano. Ainda que esta lista não deva ser utilizada de forma rígida, ela pode fornecer informações importantes sobre que aspetos são provavelmente positivos ou negativos, sendo importante, no entanto, ter em consideração que aspetos listados como positivos podem ocorrer em respostas que também contenham aspetos negativos e vice-versa (Exner, 2000).

Assim, foi levada a cabo uma análise, a partir desta lista, das respostas com conteúdo humano dadas pelos/as participantes da presente investigação. A conclusão foi a de que a frequência de aspetos positivos em respostas de conteúdo humano foi, para o grupo com estilos de vinculação inseguros, inferior à frequência de aspetos positivos em respostas de conteúdo humano no grupo com estilo de vinculação seguro. Nomeadamente, no que concerne aos aspetos positivos, encontrou-se que o grupo com estilos de vinculação inseguros contou com 263 ($M=4.78$) destes, enquanto o grupo de vinculação seguro contou com 342 ($M=4.75$), o que se traduz numa diferença de cerca de mais 79 aspetos positivos

para o grupo de participantes com tipo de vinculação segura. Já no que diz respeito aos aspetos negativos, verificou-se que a frequência de aspetos negativos do grupo com estilos de vinculação inseguros foi de 74 ($M=1.34$), e de 84 para o grupo com estilo de vinculação segura ($M=1.17$). Em suma, no presente trabalho, participantes com estilos de vinculação inseguros deram menos respostas de conteúdo humano consideradas como positivas e, contrariamente ao expectável, também menos respostas de conteúdo humano consideradas como negativas, quando comparado ao grupo de participantes com vinculação segura; no entanto, o facto de o grupo com estilos de vinculação inseguros ter menos um/a participante que o grupo com estilo de vinculação segura, poderá explicar a menor frequência de respostas de conteúdo humano classificadas com aspetos negativos para este grupo, comparativamente ao grupo com estilo de vinculação segura.

Para além disto, poderá ser também interessante atentar ao rácio $H:(H)+Hd+(Hd)$. Não pacientes ou pacientes que estejam a experienciar resultados favoráveis na psicoterapia, tendem a dar mais respostas H puro que o conjunto de outras respostas que fazem parte do conteúdo humano, enquanto pessoas com problemas de ajustamento normalmente dão menos respostas H puro comparativamente aos outros conteúdos humanos (Exner, 2000). No caso da presente investigação, o grupo com estilo de vinculação seguro contou apenas com dois participantes de um total de oito que obtiveram mais respostas H puro que respostas $(H)+Hd+(Hd)$. No entanto, o grupo com estilos de vinculação inseguros contou com quatro participantes de um total de sete que obtiveram menos respostas H puro que respostas $(H)+Hd+(Hd)$. Partindo do pressuposto de que estes/as participantes poderão fazer parte de um grupo de pessoas que experiencia mais problemas de ajustamento comparativamente ao grupo de participantes com estilo de vinculação seguro, este resultado poderá indicar que o rácio $H:(H)+Hd+(Hd)$ pode ser potencial e particularmente relevante de analisar em casos de indivíduos cujo estilo de vinculação é considerado inseguro. Isto é, neste estudo, a presença de menos respostas H puro parece poder ser interpretada como tendo relação com construtos de vinculação insegura, ainda que a presença de mais respostas H puro pareça não ter uma relação significativa com construtos de vinculação segura.

Algumas das respostas incluídas na *Sum H* podem ser divididas em GHR (*Good Human Responses*) e PHR (*Poor Human Responses*). As primeiras indicam perceções do *self* e dos outros que são completas, realistas, exatas, independentes e geralmente benevolentes (Meyer & Viglione, 2008), ou seja, quando um humano é percecionado no cartão com qualidade formal adequada, ausência de conteúdos agressivos ou mórbidos e de lapsos cognitivos,

havendo, por vezes, presença de interações cooperativas ou benignas (Conklin et al., 2012). GHRs sugerem uma habilidade para se ver a si mesmo/a e às relações com os outros de uma forma adaptativa ou positiva (Mihura & Meyer, 2018). Relativamente às PHRs, estas são normalmente percepções parciais, distorcidas, irrealistas, danificadas, emaranhadas ou fundidas, confusas e geralmente agressivas ou malévolas (Meyer & Viglione, 2008) e resultam de respostas com conteúdo humano com qualidade formal pobre e/ou lapsos cognitivos, e, por vezes, presença de temas agressivos ou hostis (Conklin et al., 2012). PHRs sugerem existir a propensão a não compreender os outros, as relações e/ou a si mesmo/a (Mihura & Meyer, 2018). De acordo com Exner (2003), o rácio GHR:PHR parece abordar diretamente a precisão da percepção de si mesmo/a e dos outros, algo que vai ao encontro da ideia de Viglione et al. (2003), que sugerem que GHRs e PHRs são representações do *self* e dos outros. Weiner (2003) acrescentou que estas codificações não estão apenas ligadas ao funcionamento atual, mas também à história do indivíduo no que concerne a relações.

Assim, faz sentido levantar a questão, nesta secção, sobre as respostas GHR e PHR do presente estudo, ainda que na literatura pareça não haver informação que as relacione com a vinculação. Na presente investigação, dos/as oito participantes com estilo de vinculação seguro, apenas dois reúnem mais respostas GHR que PHR, e a diferença entre a frequência de respostas GHR e PHR é de, em média, 3.4 respostas. Por outro lado, dos/as sete participantes com estilos de vinculação inseguros, cerca de cinco reúnem mais respostas PHR que GHR, e a diferença da frequência entre respostas PHR e GHR é de, em média, 4.4 respostas. Isto significa que, para além de que o grupo com estilos de vinculação insegura dá mais respostas PHR que GHR, esta diferença é mais expressiva neste grupo que no grupo com estilo de vinculação seguro. Quando há pelo menos três respostas humanas num protocolo e o número de PHRs é igual ou maior que o número de GHRs, Exner (2003) indica que os indivíduos terão dificuldades interpessoais, incluindo conflito e inaptidão social. Portanto, isto parece fazer sentido se considerado na análise do resultado referente ao do grupo composto por estilos de vinculação inseguros, que deu mais respostas PHR que GHR.

Finalmente, no que concerne à H6, esta foi também infirmada, contrariando as descobertas de outros/as autores/as já citados no enquadramento teórico deste trabalho, na secção das respostas ROD (Duberstein & Talbot, 1993; Lečbych & Seitzl, 2013) e indicando que, para a amostra da presente investigação, obter um *score* do ROD mais elevado não é necessariamente indicativo de se ter um estilo de vinculação preocupado (Lečbych & Seitzl,

2013) e que não há relação entre um determinado número de respostas com conteúdos orais e estilo de vinculação seguro ou inseguro (Duberstein & Talbot, 1993).

No entanto, se se atentar à diferença da frequência de respostas ROD entre os três subgrupos que fazem parte do grupo do estilo de vinculação inseguro, verifica-se que o grupo preocupado obteve 11 respostas ROD, o amedrontado um total de dez e, num forte contraste, o grupo desinvestido apenas duas. Deste modo, levanta-se a hipótese de que, para participantes que apresentem um estilo de vinculação desinvestido, a frequência de respostas ROD será muito inferior quando comparados/as a outros estilos de vinculação insegura. Tendo em conta que Masling (1986) associou imagens orais a comportamentos dependentes e de procura de ajuda, e que pessoas com estilo de vinculação desinvestido tendem a evitar a proximidade com os outros, e a desenvolver uma postura de defesa que rejeita o valor de relacionamentos íntimos, este resultado parece fazer sentido.

V. CONCLUSÕES FINAIS

Os resultados obtidos na presente investigação parecem diferir, no geral, do encontrado na literatura, tal como descrito na secção anterior. No entanto, há também resultados que parecem ir ao encontro do já descrito por outros/as autores/as, e ainda outros dados que surgiram após análises complementares fruto de levantamento de hipóteses ao longo da análise dos resultados. Assim, neste estudo, salientou-se:

- a) a relação entre a ausência de respostas Textura e ter o estilo de vinculação ou amedrontado ou desinvestido;
- b) a menor amplitude e frequência de respostas com conteúdo humano no grupo com vinculação insegura, comparativamente ao grupo com vinculação segura;
- c) uma quantidade inferior de respostas de conteúdo humano consideradas positivas para o grupo com estilo de vinculação inseguro, relativamente ao grupo com vinculação segura;
- d) uma baixa frequência de respostas *H* puro e *Good Human Responses* para o grupo com estilo de vinculação inseguro, comparativamente ao grupo com estilo de vinculação seguro;
- e) e, finalmente, uma baixa frequência de respostas com conteúdo oral no grupo com estilo de vinculação desinvestido quando comparado com outros estilos de vinculação inseguros.

De um modo geral, uma conclusão que parece ser transversal a todos os resultados supramencionados, é a de que a relação entre determinadas variáveis do Teste de Rorschach e aspetos ligados à qualidade da vinculação, parece ser mais evidente dentro do grupo de participantes com estilos de vinculação inseridos no espectro da insegurança. Isto significa que, ainda que noutros estudos tenham sido encontradas algumas associações entre o estilo de vinculação seguro e variáveis do Teste de Rorschach, na presente investigação tal não se verificou, tendo sido encontrados resultados que parecem ser mais significativos apenas dentro do grupo com estilo de vinculação inseguro.

A escolha de diferentes tipos de instrumentos, parte do pressuposto de que é útil utilizar questionários e técnicas projetivas como formas diretas e indiretas de aceder à personalidade e de que poderá ser proveitoso reconhecê-las como medidas que refletem dois tipos qualitativamente diferentes de motivação humana (Bellack, Hersen & Reynolds, 1998). Por um lado, respostas a questões estruturadas, por exemplo, em testes de autorrelato (neste caso, a EVA), apenas acedem a fenómenos conscientes e não dão pistas sobre o estilo de organização da resposta, traduzindo-se numa fonte de informação em que o/a participante apenas partilha o que está disponível a partilhar (Bellack et. al, 1998). Por outro lado, é importante obter informação que o/a respondente divulgue espontaneamente, algo que poderá ser acedido, por exemplo, através de testes projetivos, como é o caso do Teste de Rorschach, em que o seu propósito não é evidente (Bellack et. al, 1998). Um determinado método não possui prioridade em relação a outro, apenas são fornecedores de informação que é qualitativamente diferente, algo que contribui para uma análise provavelmente mais exata. Pelo facto de que as estratégias de resolução de problemas e organização das ideias expressadas nas respostas projetivas podem ser comparadas com como estes processos são expressos em tarefas mais estruturadas (Bellack et. al, 1998), tornou-se importante a inclusão dos diferentes tipos de instrumentos no presente estudo.

Ainda que, como descrito na secção dos Resultados, se tenha dividido por vezes os/as participantes pelos quatro estilos de vinculação de forma a procurar infirmar ou confirmar as hipóteses levantadas, no decorrer da análise dos resultados, fez sentido optar por dividir os/as participantes em dois grupos mais abrangentes – o grupo com estilo de vinculação seguro e o grupo com estilos de vinculação inseguros. Isto porque, a quantidade de participantes dentro dos estilos de vinculação inseguros, é de três para estilo de vinculação preocupado, dois para estilo de vinculação desinvestido e dois para o estilo de vinculação amedrontado; portanto, a baixa representatividade de cada um destes levou a que surgisse a

estratégia de dividir a amostra em apenas estilo seguro e estilos inseguros, numa tentativa de atingir maior equilíbrio, uma vez que a amostra é composta por cerca de oito participantes que revelaram estilo de vinculação seguro, e sete que revelaram estilo de vinculação inseguro.

No entanto, é importante sublinhar que ainda que esta estratégia tenha trazido alguns contributos interessantes para os resultados da investigação, a amostra é na mesma reduzida, pelo que não é possível proceder à generalização dos resultados para a população. A natureza dos instrumentos utilizados, aliada aos constrangimentos causados pela pandemia de COVID-19, restringiu o número de participantes da investigação. Por isso, poderá revelar-se importante proceder ao aumento da dimensão amostral em investigações futuras.

Para além desta limitação, outra a apontar poderá ser o facto de que os trabalhos encontrados na literatura que serviram de suporte para a elaboração da presente investigação, serviram-se de instrumentos diferentes dos utilizados nesta Dissertação para aceder aos estilos de vinculação dos/as participantes. Portanto, poderá presumir-se que, no que diz respeito à incongruência dos resultados relativamente ao que já existia, esta poderá ser explicada, em parte, devido ao facto de que foram avaliados os mesmos construtos (estilos de vinculação), porém, através de diferentes instrumentos. Ademais, dois dos estudos encontrados recorreram a instrumentos que não possuem informação estatística (Berant & Wald, 2009; Shaver, Berant, Mikulincer & Segal, 2005), algo que poderá ter influenciado a credibilidade dos resultados. Então, torna-se pouco claro se os diferentes estilos de vinculação foram acedidos pelo instrumento utilizado e, por conseguinte, se estes foram apropriadamente associados às variáveis do Rorschach (Zizi et. al, 2019).

Ainda que os estudos que cruzam a Teoria da Vinculação com o Teste de Rorschach sejam recentes, a maioria da bibliografia referente, especialmente, à Teoria da Vinculação, já conta com alguns anos. Por exemplo, o modelo utilizado neste estudo foi o Modelo da Vinculação no Adulto, desenvolvido por Bartholomew e Horowitz em 1991 e, ainda que muitos/as autores/as o descrevam como uma das mais completas *frameworks* para a compreensão da Vinculação, não deixa de ser uma referência com aproximadamente 31 anos. Desta forma, os resultados deverão ser analisados e interpretados com cautela, e considerando a idade da bibliografia.

Poderá ser importante, em investigações futuras, recorrer a medidas como a *Adult Attachment Interview* (AAI) em conjunto com o teste de Rorschach, de forma a aumentar a

validade e fidelidade dos resultados dos estudos. Para além disto, ter em conta que a expressão de comportamentos de vinculação tem nuances culturais específicas, é algo que volta a reforçar a importância de uma análise ponderada das conclusões deste estudo, especialmente no que diz respeito à falibilidade de uma extrapolação dos resultados para a população. Para além disto, não foram encontradas referências de estudos deste género no continente africano, por exemplo, algo que se traduz numa clara limitação.

Em termos de implicações práticas, o cruzamento da Teoria da Vinculação com o Teste de Rorschach poderá ser pertinente tanto no campo da investigação, como no campo da prática clínica. Este estudo trouxe a ideia de que o cruzamento dos dois construtos poderá dar origem a ferramentas e material de trabalho mais rico e robusto apenas para pessoas com estilos de vinculação inseguros. Por haver margem para ler esta conclusão como prematura e frágil, e sendo este apenas um avanço preliminar no tema, é importante a condução de investigações futuras sobre o mesmo. Já no que concerne à prática clínica, debruçar-se sobre este tema poderá contribuir para uma compreensão mais profunda sobre de que forma a relação entre a personalidade do/a cliente e a qualidade da relação estabelecida com as respetivas figuras de vinculação contribuem ora para a manutenção de possíveis quadros psicopatológicos, ora para a adoção de narrativas pouco adaptativas e disfuncionais sobre a sua história de vida.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S. (1991). *Attachments and other affectional bonds across the life cycle*. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (p. 33–51). Tavistock/Routledge.
- Ainsworth, M. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Erlbaum.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244.
- Baumert, A., Schmitt, M., & Perugini, M. (2019). Towards an explanatory personality psychology: Integrating personality structure, personality process, and personality development. *Personality and Individual Differences*, 147, 18–27. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.04.016>.
- Bellack, A. S., Hersen, M., & Reynolds, C. R. (1998). Assessment of schema and problem-solving strategies with projective techniques. In *Comprehensive clinical psychology. Assessment* (Vol. 4). essay, Pergamon/Elsevier Science.
- Berant, E. (2017). Attachment Theory Applied to Ms. B.'s Rorschach. *Rorschachiana*, 38(1), 59–70. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000009>.
- Berant, E., Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Segal, Y. (2005). Rorschach Correlates of Self-Reported Attachment Dimensions: Dynamic Manifestations of Hyperactivating and Deactivating Strategies. *Journal of Personality Assessment*, 84(1), 70–81. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8401_13.
- Berant, E., & Wald, Y. (2009). Self-reported attachment patterns and Rorschach Inkblot Method-related scores of ego boundary, defensive processes and thinking disorders. *Journal of Personality Assessment*, 91(4), 365–372. <https://doi.org/10.1080/00223890902936173>.
- Berant, E., & Zim, S. (2013). Integration of Attachment Self-Report Scales With the Rorschach. *Rorschachiana*, 34(2), 156–187. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000047>.
- Bornstein, R. F., & Masling, J. M. (2005). *Scoring the Rorschach: Seven validated systems*. Erlbaum. <https://doi.org/10.4324/9781410612526>.
- Bouchard, T. J. (2004). Genetic influence on human psychological traits: A survey. *Current Directions in Psychological Science*, 13, 148–151.

- Bouchard, T. J., & Loehlin, J. C. (2001). Genes, evolution, and personality. *Behavior Genetics*, 31, 243–273.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment* (2nd ed.). Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, 130, 201-210.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base*. Basic Books.
- Campo, V. (1992). On texture: Scoring and interpretation. *British Journal of Projective Psychology*, 37, 3–7.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2014). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *PSICOLOGIA*, 20(1), 155–157. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>.
- Carlson, E. A. (1998). A prospective longitudinal study of attachment disorganization/disorientation. *Child Development*, 69, 1107-1128.
- Carvalho, L. D., Pianowski, G., Silva, A. M., & Silva, R. G. (2017). Personalidade: O Panorama nacional Sob o FOCO das DEFINIÇÕES internacionais. *Psicologia Em Revista*, 23(1), 123–146. <https://doi.org/10.5752/p.1678-9563.2017v23n1p123-146>.
- Cash, T. F., Theriault, J., & Annis, N. M. (2004). Body image in an interpersonal context: Adult attachment, fear of intimacy and social anxiety. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23(1), 89-103.
- Cassella, M. J., & Viglione, D. J. (2009). The Rorschach Texture Response: A Construct Validation Study Using Attachment Theory. *Journal of Personality Assessment*, 91(6), 601-610. <https://doi.org/10.1080/00223890903230931>.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663.
- Conklin, A. C., Malone, J. C., & Fowler, J. T. (2012). Mentalization and the Rorschach. *Rorschachiana*, 33(2), 189–213. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000035>.
- Corr, P. J., & Matthews, G. (2020). *The Cambridge Handbook of Personality Psychology (Cambridge Handbooks in Psychology)* (2nd ed.). Cambridge University Press.

- Crowell, J., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications*. Guilford Press.
- Duberstein, P. R., & Talbot, N. L. (1993). Rorschach Inkblot Method oral imagery, attachment style and interpersonal relatedness. *Journal of Personality Assessment*, 61(2), 294–310. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6102_10.
- Easterbrooks, M., Davidson, C. and Chazan, R., 1993. Psychosocial risk, attachment, and behavior problems among school-aged children. *Development and Psychopathology*, 5(3), pp.389-402.
- Exner, J. E. (1993). *The Rorschach. A comprehensive system: Basic foundations* (3rd ed., Vol. 1). John Wiley & Sons.
- Exner, J. E. (2000). *A primer for Rorschach interpretation*. Rorschach Workshops.
- Exner, J. E. (2001). *A Rorschach Workbook for the Comprehensive System*. Rorschach Workshops.
- Exner, J. E. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system*, Volume 1 (4th ed.). Wiley.
- Fontan, P., Andronikof, A., Nicodemo, D., Al Nyssani, L., Guilheri, J., Hansen, K. G., Nakamura, N. (2013). CHESSSS: A free software solution to score and compute the Rorschach Comprehensive System and Supplementary Scales. *Rorschachiana*, 34(1), 56-82. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000040>.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4, 132–154.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Attachment Theory and Its Place in Contemporary Personality Theory and Research. *Handbook of Personality: Theory and Research* (3rd Edition). Guilford Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Conceptualizing romantic love as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511–524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on closerelationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1–22.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Attachment processes in adulthood. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships*, Vol. 5. (151-178). London, UK: Jessica Kingsley Publishers.

- Iwasa, K., & Ogawa, T. (2010). The relationship between texture responses on the Rorschach and adult attachment. *Rorschachiana*, 31, 4–21. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000002>.
- Iwasa, K., & Ogawa, T. (2013). Rorschach Texture Responses Are Related to Adult Attachment via Tactile Imagery and Emotion. *Rorschachiana*, 34(2), 115–136. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000045>.
- Iwasa, K., & Ogawa, T. (2015). Psychological Basis of the Relationship Between the Rorschach Texture Response and Adult Attachment: The Mediational Role of the Accessibility of Tactile Knowledge. *Journal of Personality Assessment*, 98(3), 238–246. <https://doi.org/10.1080/00223891.2015.1099540>.
- John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative big five trait taxonomy: History, measurement, and conceptual issues. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 114–158). Guilford Press.
- Juni, S., Masling, J., & Brannon, R. (1979). Interpersonal touching and orality. *Journal of Personality Assessment*, 43(3), 235–237. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4303_2.
- Kobak, R. R. (1989). *The Attachment Interview Q-set*. Unpublished manuscript, University of Delaware.
- Lečbych, M., & Seitzl, M. (2013). The association between self-report attachment dimension in the Rorschach Oral Dependency Scale in a sample of Czech adults. *Rorschachiana*, 34(2), 137–155. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000046>.
- Lopez, F. G. (1995). Contemporary attachment theory: An introduction with implications for counseling psychology. *The Counseling Psychologist*, 23, 395–415.
- Lyddon, W. J. (1993). Contrast, contradiction and change in psychotherapy. *Psychotherapy*, 30, 383–390.
- Lyddon, W. J., & Sherry, A. (2001). Developmental Personality Styles: An Attachment Theory Conceptualization of Personality Disorders. *Journal of Counseling & Development*, 79(4), 405–414. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2001.tb01987.x>
- Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: Findings and directions for future research. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 127–159). Routledge.

- Main, M. (1995). Recent studies in attachment: Overview, with selected implications for clinical work. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, development, and clinical perspectives* (pp. 407–474). Analytic Press.
- Main, M., & Goldwyn, R. (1984). *Adult attachment classification system*. Unpublished manuscript, University of California, Berkeley.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 66–104.
- Masling, J. M., Rabie, L., & Blondheim, S. H. (1967). Obesity, level of aspiration and Rorschach and TAT measures of oral dependence. *Journal of Consulting Psychology*, 31(3), 233–239. <https://doi.org/10.1037/h0020999>.
- Masling, J. M. (1986). Orality, pathology, and interpersonal behaviour. In J. M. Masling (Ed.), *Empirical studies of psychoanalytical theories* (Vol. 2, pp. 73–106). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Matos, P. M. (2019). *Teoria da Vinculação, conceitos e asserções principais*. [Slides de Powerpoint].
- Meyer, G. J., & Viglione, D. J. (2008). An introduction to Rorschach assessment. In R. P. Archer & S. R. Smith (Eds.), *Personality assessment* (pp. 281–336). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Meyer, G., Viglione, D., Mihura, J., Erard, R., & Erdberg, P. (2011). *Rorschach Performance Assessment System: Administration, coding, interpretation, and technical manual*. R-PAS.
- Mihura, J. L., & Meyer, G. J. (Eds.). (2018). *Using the Rorschach Performance Assessment System® (R-PAS®)*. The Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). *Security-Based Self-Representations in Adulthood: Contents and processes*. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (159–195). Guilford Publications.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Attachment security, compassion, and altruism. *Current Directions in Psychological Science*, 34–38.
- Pires, A. A. (2014). *O Estudo Normativo do Teste de Rorschach na População Portuguesa*.
- Pollak, A. S. (2018). *The Rorschach Oral Dependency Variable and Attachment Dimensions in Children* (Doctoral dissertation, Faculty of Adler University, 2018). Proquest.

- Rorschach, H. (1978). *Psicodiagnóstico. Método e Resultados de uma experiência Diagnóstica de Percepção* (Interpretação de Formas fortuitas) (3ª ed.). Editora Mestre Jou. (Original publicado em 1921).
- Shaver, P. R., Berant, E., Mikulincer, M., & Segal, Y. (2005). Rorschach Inkblot Method correlates of self-reported attachment dimensions: Dynamic manifestations of hyper-activating and deactivating strategies. *Journal of Personality Assessment*, 84(1), 70–81. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8401_13
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2009). An overview of adult attachment theory. In J. H. Obegi & E. Berant (Eds.), *Attachment theory and research in clinical work with adults* (17–45). Guilford Press.
- Sherry, A., Lyddon, W. J., & Henson, R. K. (2007). Adult Attachment and Developmental Personality Styles: An Empirical Study. *Journal of Counseling & Development*, 85(3), 337-348. <https://doi:10.1002/j.1556-6678.2007.tb00482.x>.
- Shiner, R., & Caspi, A. (2003). Personality differences in childhood and adolescence: Measurement, development, and consequences. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44, 2–32.
- Vaillant, G. E. (1987). A developmental view of old and new perspectives of personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 1, 146–156.
- Viglione, D.J., Perry, W., Jansak, D., Meyer, G., & Exner, J. E. (2003). Modifying the Rorschach human experience variable to create the human representational variable. *Journal of Personality Assessment*, 81, 64–73.
- Weiner, I. B. (2003). *Principles of Rorschach interpretation* (2nd ed.). Erlbaum.
- Young, E. S., Simpson, J. A., Griskevicius, V., Huelsnitz, C. O., & Fleck, C. (2017). Childhood attachment and adult personality: A life history perspective. *Self and Identity*, 18(1), 22–38. <https://doi.org/10.1080/15298868.2017.1353540>.
- Zizi, P. D., Spies, R., & Vosloo, C. (2019). Adult attachment theory and Rorschach Inkblot Method: A systematic literature review. *Journal of Psychology in Africa*, 29(4), 405–412. <https://doi.org/10.1080/14330237.2019.1647491>.

VII. ANEXOS

Anexo 1

Entrevista utilizada no processo de recolha de dados

Esta entrevista tem como objetivo recolher dados sobre a forma como se relaciona com pessoas da sua vida, nomeadamente pais ou outro/as cuidadores/as importantes. Nesse sentido, poderá incidir mais sobre como foi a sua infância e/ou adolescência. Não estou à procura de respostas certas ou erradas, o objetivo é explorar o funcionamento dessas relações tal como elas são e perceber de que forma esses relacionamentos influenciaram o desenvolvimento da sua personalidade. Género: Idade:

1. Pedia que me falasse um pouco sobre como foi quando era criança. Como é que era a relação com a sua família, se houve alguns momentos que considere marcantes que tenham surgido ao longo do seu desenvolvimento (por exemplo, mudança de escola, mudança de casa, divórcio, perda de figuras significativas, como foi a entrada na escola...).
2. Agora, pedia que me falasse um pouco de como era o dia-a-dia “típico” das suas figuras cuidadoras (alterar para pai/mãe/tio/tia/avô/avó, etc, consoante a constituição da família), por exemplo, o que cada uma fazia, se trabalhavam, que tipo de atividades faziam consigo, tempos livres, férias, etc...
3. Em termos de cuidados – por exemplo, alimentação, higiene – como é que eram estes domínios? Descreva um dia “típico” na sua infância, quem estava responsável por ajudá-lo/a com essas atividades (caso alguém o estivesse), como é que isso era feito, etc
4. Em situações que experienciava como sendo um problema, em que havia necessidade de pedir ajuda – por exemplo, doenças, zangas ou brigas com amigos/as ou irmãos/as, sentir-se triste, ter caído e começado a chorar, etc – a quem é que pedia ajuda? Como era a resposta dessas pessoas (alterar para pai/mãe/tio/tia/avô/avó, etc, consoante a constituição da família)? O que é que essas pessoas faziam nesses momentos? O que é que lhe diziam? Como é que se sentia dado a forma como essas pessoas reagiam ao seu pedido?
5. Recorda-se de alguma situação(ões) em que as suas figuras cuidadoras (alterar para pai/mãe/tio/tia/avô/avó, etc, consoante a constituição da família) o/a maltrataram, castigaram, ameaçaram ou rejeitaram? Pode dar exemplos? Como é que se sentiu nesse momento? Como procederam depois?
6. De que forma acredita que a sua relação com as suas figuras cuidadoras (alterar para pai/mãe/tio/tia/avô/avó, etc, consoante a constituição da família) afetou o seu desenvolvimento? Poderá usar exemplos concretos, descrever aspetos positivos, negativos, etc.
7. Acredita que alguns comportamentos ou maneiras de ser das suas figuras cuidadoras (alterar para pai/mãe/tio/tia/avô/avó, etc, consoante a constituição da família) passaram para si ou influenciaram determinados comportamentos ou maneiras de ser suas?
8. Comparativamente à infância, como é a sua relação com as suas figuras cuidadoras (alterar para pai/mãe/tio/tia/avô/avó, etc, consoante a constituição da família) atualmente? Houve mudanças? Se sim, quais?

Anexo 2

Parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Refª 2021/04-03b)



COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Refª 2021/04-03b)

A Comissão de Ética (CE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo examinado os documentos relativos ao projeto de investigação **“Vinculação, Desenvolvimento da Personalidade e Teste de Rorschach”**, apresentado pela estudante **Joana Cabral Almeida**, com orientação do **Prof. Doutor António Abel Pires**, emite um **parecer favorável** à realização da pesquisa, com a seguinte recomendação:

- A Comissão de Ética sugere prever alguma estratégia para lidar com eventuais descobertas acidentais de situações que os participantes desconhecem (*e.g.*, a suspeita de uma condição clínica no/a participante pode merecer um encaminhamento para apoio psicológico).

Parecer favorável

A CE é favorável à realização do projeto tal como apresentado.

FPCEUP, 17 de maio de 2021

A Presidente,

Profª. Doutora Carlinda Leite

Anexo 3

Consentimento Informado

Pedido de Colaboração em Estudo - Consentimento Informado

O meu nome é Joana Cabral Almeida e encontro-me atualmente inscrita no 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Como tal, estou na fase de recolha de dados para a Dissertação sob orientação do Professor Doutor António Abel Pires (apires@fpce.up.pt).

O presente projeto de investigação nasce de uma tentativa de perceber de que forma o estilo de vinculação de cada pessoa - entendendo-se por vinculação “*a propensão de os seres humanos estabelecerem fortes laços afetivos com outros*” - se encontra relacionado com aspetos da sua personalidade. Deste modo, os instrumentos a administrar com vista à obtenção dos dados necessários são:

- o *Teste de Rorschach*, instrumento composto por 10 cartões com manchas de tinta cuja duração de administração varia de pessoa para pessoa, não havendo uma média de duração prevista;
- uma entrevista semiestruturada com duração indefinida, com o objetivo de explorar as experiências com figuras cuidadoras;
- a *Escala de Vinculação do Adulto*, um questionário composto por 18 itens curtos, com duração de preenchimento aproximada de 5 minutos, em que é solicitado ao/à participante que se posicione numa escala de 5 pontos relativamente a uma dada afirmação.

Para cada um destes instrumentos, não há respostas certas ou erradas, pelo que lhe solicito que as respostas sejam apenas o mais possível aproximadas daquela que é a sua verdade pessoal. Considerando que a administração dos instrumentos poderá tomar algum tempo, é também possível que seja dividida em 2 momentos diferentes, caso este se configure um cenário mais oportuno para si.

Relativamente à administração da entrevista, seria importante proceder à gravação do som, apenas com o fim de facilitar o processo de recolha das respostas. As gravações permanecerão armazenadas no gabinete do orientador do projeto (Prof. Dr. Abel Pires) e,

após um ano da sua gravação, serão destruídas. A recolha e tratamento dos dados destinam-se única e exclusivamente a fins académicos de investigação científica e elaboração da Dissertação. Todos os dados fornecidos pelas pessoas que venham a participar serão mantidos sob anonimato. Acrescento que poderá desistir do processo a qualquer momento, sem quaisquer consequências para si.

Expostos os objetivos do pedido de participação na investigação, peço-lhe que manifeste a sua disponibilidade no que diz respeito à vontade de participação, assinalando, na declaração de intenção a seguir, a sua resposta.

Para mais esclarecimentos, dúvidas, qualquer sugestão ou comentário, poderá contactar-me através do e-mail up201606062@edu.fpce.up.pt. Para além disto, poderá contactar-me através deste e-mail caso seja do seu interesse ter acesso aos resultados do estudo.

A sua colaboração é de grande importância para o desenvolvimento do presente projeto e construção do conhecimento científico. Desde já, muito obrigada pela disponibilidade.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

☐ Aceito colaborar na realização da investigação que me foi apresentada, estando devidamente esclarecido/a acerca (1) dos objetivos da mesma, (2) forma da minha participação, (3) dos meus direitos e (4) dos fins a que o estudo se destina.

A data

O/A participante

A investigadora

Porto, Portugal

ano letivo 2020/2021

Tabela 1

Estilos de Vinculação e principais características associadas e informação das entrevistas

Estilo de Vinculação	Entrevistas
Seguro - Confortável com a intimidade e presença de autonomia; - Atribuições positivas a si mesmo/a e aos outros; - Senso de dignidade e de que as outras pessoas são responsivas e aceitantes; - Pensamento coerente e flexível.	- <i>“era o menino da mamã, muito mimado, e tinha uma relação muito boa com ela, era o menino preferido por todos, até pelos tios”;</i> - <i>“a minha mãe é calorosa, preocupada, há à vontade para falar de tudo”;</i> - <i>“sempre vi os meus pais como base segura, porto de abrigo, como acolhedores dos medos e receios mas também como pessoas que sabiam dar incentivo para interagir com as crianças e voar”;</i> - <i>“a minha mãe sempre foi muito fixe, muito louca, e está mais presente quando estou mal.”</i>
Preocupado - Preocupação com as relações; - Visão negativa do <i>self</i> e positiva dos outros; - Senso de indignidade combinado com avaliação positiva dos outros; - Luta pela autoaceitação através da procura de aceitação dos outros.	- <i>“sou demasiado carente e procuro nos amigos figuras paternas”;</i> - <i>“sempre tive que ir contra o sistema, ou seja, fazer o que não podia fazer para eventualmente ter liberdade para o fazer, e isso fez-me crescer revoltado”;</i> - <i>“nunca percebia porque é que não podia fazer determinada coisa, por exemplo, ficar na mesa quando já tinha acabado de comer. Sentia-me um imbecil e que a pior coisa do mundo era desiludir a minha mãe.”</i>
Desinvestido - Dispensa da intimidade (como proteção contra desilusões) e presença de contradependência; - Modelo positivo de si combinado com um processo defensivo de rejeição do valor da intimidade (importância da independência); - Senso de dignidade e passibilidade de ser amado/a, aliado a uma disposição negativa em relação aos outros.	- <i>“a minha mãe é severa, houve situações em que tinha medo de dizer o que aconteceu com medo de que a mãe ficasse chateada”;</i> - <i>“tentava não recorrer a ajuda, e se pedisse era sempre só em último caso”;</i> - <i>“às vezes quero dizer algo e depois decido não o fazer pois acho que a resposta já vai ser negativa.”</i>

Amedrontado - Medo de intimidade e socialmente evitante (como proteção da rejeição que antecipam vir a sentir); - Autoconceito negativo e visão fria e vitimizada dos outros; - Senso de indignidade combinado com expectativas negativas em relação aos outros (não confiáveis e indisponíveis).	- “eu tentava não levantar o fumo para não haver fogo”; - “tentar não criar muitos conflitos, deixar passar.”
---	--

Tabela 2

Estatística descritiva das respostas Textura de participantes com estilo de vinculação seguro

Frequência de Respostas de Textura	n
0	4
1	1
2	3

Tabela 3

Estatística descritiva das respostas Textura de participantes com estilo de vinculação preocupado

Frequência de Respostas de Textura	n
0	1
1	1
2	1

Tabela 4

Estatística descritiva das respostas Textura de participantes com estilo de vinculação amedrontado ou desinvestido

Frequência de Respostas de Textura	n
0	3
2	1

Tabela 5

Estatística descritiva das respostas Sum H de participantes com estilo de vinculação seguro

Frequência de Respostas Sum H	n
2	1
3	1
5	1
9	1
10	1
11	1
13	1
19	1

Tabela 6

Estatística descritiva das respostas Sum H de participantes com estilos de vinculação inseguros

Frequência de Respostas Sum H	n
4	1
7	1
9	2
11	2